

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS  
ESCOLA DE CIÊNCIAS HUMANAS, JURÍDICAS E SOCIAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA**

**MATEUS GARCIA PALMA**

**FILOSOFIA INTERCULTURAL NA CONSTITUIÇÃO EPISTEMOLÓGICA DOS  
SABERES**

**CAMPINAS**

**2024**

**MATEUS GARCIA PALMA**

**FILOSOFIA INTERCULTURAL NA CONSTITUIÇÃO EPISTEMOLÓGICA DOS  
SABERES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade  
Católica de Campinas como parte dos requisitos para  
obtenção do grau de bacharel em Filosofia.

**Orientador:** Prof. Dr. Paulo M. G. Pozzebon

**CAMPINAS**

**2024**

Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI  
Gerador de fichas catalográficas da Universidade PUC-Campinas  
Dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Palma, Mateus Garcia

P171f

Filosofia Intercultural na Constituição Epistemológica dos Saberes / Mateus Garcia Palma. - Campinas: PUC-Campinas, 2024.

50 f.

Orientador: Dr. Paulo M. G. Pozzebon.

TCC (Bacharelado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2024.  
Inclui bibliografia.

1. Filosofia Intercultural. 2. Epistemologia. 3. Contemporaneidade. I. Pozzebon, Dr. Paulo M. G. . II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais. Faculdade de Filosofia. III. Título.

**MATEUS GARCIA PALMA**

**FILOSOFIA INTERCULTURAL NA CONSTITUIÇÃO EPISTEMOLÓGICA DOS  
SABERES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade  
Católica de Campinas como parte dos requisitos para  
obtenção do grau de bacharel em Filosofia.

Trabalho avaliado e aprovado pelo docente responsável em 02 / 12 / 2024.

*Muito bom trabalho, merece continuidade e aprofundamento. Nota: Dez.*



---

Prof. Dr. Paulo Moacir Godoy Pozzebon

Para meus pais Ademir e Regina,  
meus maiores incentivadores.

## AGRADECIMENTO

Dou graças a Vós, Meu Senhor e Meu Deus, por terdes me sustentado, abençoado e guiado ao longo de toda a minha vida, especialmente nestes três anos de graduação. Agradeço a Maria Santíssima, a Mãe do Amparo, e a Santa Luzia, minha padroeira, pela constante proteção e intercessão em minha jornada pessoal e vocacional.

Expresso minha profunda gratidão aos meus familiares, em especial aos meus pais, Ademir Garcia Palma e Regina Panegassi Palma, que foram meus maiores incentivadores tanto no âmbito acadêmico quanto no vocacional. À minha irmã, Amanda Palma de Araújo, a seu esposo, Emerson de Araújo, e ao meu afilhado, Pedro Lucas Pierini, meu muito obrigado por estarem sempre ao meu lado, me animando e aconselhando em todas as situações enfrentadas.

Agradeço também à Diocese de Amparo, na pessoa de Dom Luis Gonzaga Fecho, pelo apoio e pela confiança depositada em mim. Da mesma forma, ao Seminário São José, na pessoa do nosso formador, Padre Alexandre Donizete Cortez, pelo apoio constante e pela dedicação para com esta monografia.

Sou imensamente grato ao meu orientador, Prof. Dr. Paulo M. G. Pozzebon, cujas orientações e observações foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho. Sem a sua dedicação, esta pesquisa certamente não alcançaria o mesmo resultado. Ao meu diretor de estudos Padre Frei Flávio Antônio Gandelini, pela contribuição em correções e orientações. E ainda, aos professores Dr. Arlindo Ferreira Gonçalves Junior e Dr. Sergio Eduardo Fazanaro Vieira, pela indicação de temas e livros que nortearam este trabalho.

Também agradeço aos meus amigos Jefferson Barbosa, Luís Fernando de Siqueira, Osmar Benedito Mettestainer Morosi Junior e Vinícius Reversi de Souza, companheiros na caminhada vocacional e importantes colaboradores, que com palavras de incentivo e opiniões contribuíram para a realização deste trabalho.

Concluo esta monografia com o coração transbordando de gratidão a Deus e a todos que caminharam ao meu lado nesta jornada. Nestes três anos, tive a oportunidade de aprender, crescer e amadurecer em inúmeros aspectos, algo possível apenas graças ao apoio inestimável de cada um que esteve presente. Que este trabalho seja mais do que uma conclusão, seja um marco que ilumine os passos que ainda darei, com fé renovada e dedicação constante.

*Isso exige que eu, para compreender o outro, sem renunciar a mim e ao meu mundo de compreensão, assumo o horizonte distante e alheio em minha compreensão, fundindo assim, os horizontes, ampliando e enriquecendo o meu próprio horizonte de compreensão.*

*Hans-Georg Gadamer*

## RESUMO

O título da pesquisa filosófica que este projeto pretende apresentar é “Filosofia intercultural na constituição epistemológica dos saberes”. Esta investigação terá como referência a perspectiva do pensador Dr. Raúl Fornet-Betancourt que aborda este tema na obra acerca de seu pensamento sobre a interculturalidade. Para o entendimento do assunto abordado, é usado como referência sua obra clássica *Transformación Intercultural de la Filosofía*. Com o intuito de oferecer ao leitor alguns dos principais pontos da obra citada, a questão norteadora está empregada na possibilidade da construção de uma filosofia intercultural, pois, diante do modo de pensar as coisas como universais, o proposto pelo autor é uma mudança de paradigma, tendo como fundamental, um olhar para além das perspectivas que o indivíduo tem, colocando em cheque tudo aquilo que é essencial, que é próprio de seus valores adquiridos em seu contexto existencial. Assim sendo, se faz necessário o diálogo intercultural, como uma forma de ouvir e ser ouvido, entender e ser entendido, assim, não há monopolização do pensamento, ao contrário, há uma constituição epistemológica de saberes, abrangendo novas maneiras de pensar o já pensado, de compreender o já entendido, e deste modo, fazer filosofia a partir do inédito.

Palavras-chave: Filosofia; intercultural; construção; valores; transformação.

## RESUMEN

El título de la investigación filosófica que se pretende presentar este proyecto es "La filosofía intercultural en la constitución epistemológica de los saberes". Esta investigación tendrá como referencia la perspectiva del pensador Dr. Raúl Fornet-Betancourt, quien aborda este tema en la obra sobre su pensamiento sobre la interculturalidad. Para entender el tema abordado, se toma como referencia su obra clásica *Transformación Intercultural de la Filosofía*. Con el fin de ofrecer al lector algunos de los puntos principales de la obra citada, se emplea la pregunta orientadora en la posibilidad de construir una filosofía intercultural, pues, frente a la forma de pensar las cosas como universales, lo que propone el autor es el cambio, teniendo como fundamental, una mirada más allá de las perspectivas que tiene el individuo, poniendo en jaque todo lo que es esencial, que es propio de sus valores adquiridos en su contexto existencial. Por lo tanto, es necesario el diálogo intercultural, como una forma de escuchar y ser escuchado, de comprender y ser comprendido, por lo tanto, no hay monopolización del pensamiento, por el contrario, hay una constitución epistemológica del conocimiento, que abarca nuevas formas de pensar sobre lo que ya se ha pensado, de comprender lo que ya se ha entendido, y de esta manera, hacer filosofía desde lo inédito.

Palabras clave: Filosofía; intercultural; construcción; valores; transformación.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>2 PRESSUPOSTOS PARA UMA FILOSOFIA INTERCULTURAL</b> .....	<b>14</b>
2.1 Conceitos pressupostos .....	14
2.2 Crítica ao reducionismo filosófico monocultural e ao eurocentrismo .....	20
<b>3 A PROPOSTA DE RAÚL FORNET-BETANCOURT</b> .....	<b>24</b>
3.1 Transformação intercultural da filosofia.....	24
3.2 Filosofia intercultural .....	30
3.3 Filosofia interdisciplinar .....	33
<b>4 A NOVA CONSTITUIÇÃO DOS SABERES</b> .....	<b>36</b>
4.1 Implicações da filosofia intercultural na contemporaneidade .....	36
4.2 Diálogo intercultural como ferramenta filosófica.....	41
4.3 Constituição epistemológica dos saberes .....	44
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>49</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Durante a caminhada histórico filosófica, o que se vê são filósofos que sempre foram em busca da “verdade”, do conhecimento “verdadeiro” como uma forma de superação das ideias de seus antecessores. O que a filosofia intercultural na perspectiva de Raúl Fonet-Betancourt propõe é o diálogo, não numa forma de reconstrução, imposição, ou convencimento por um saber específico, mas com o objetivo de escutar o outro, numa troca epistemológica de saberes, promovendo uma racionalidade mais completa. (SAMBONI, 2011)

Na contemporaneidade, a filosofia se apresenta de modo a fazer repensar os modelos do passado, por uma nova forma de pensamento vigente, pois se trata de sair dos conceitos que abrangem somente ideais abstratos, para refletir entorno do mundo histórico real, ou seja, o mundo presente, já que é nele que a história dos seres humanos está sendo narrada.

Por isto se faz necessário uma transformação intercultural da filosofia, pois cada teoria do passado, em seu contexto histórico, com os instrumentos da época, fazia sentido e eram a "verdade", da mesma forma, cada cultura, cada tradição, cada religião, em seus respectivos povos, tem as suas "verdades" que não devem ser deixadas de lado, ao contrário, devem ser conhecidas, estudadas e valorizadas, fazendo com que as possibilidades de pensamento se ampliem, visando uma maior quantidade de saberes adquiridos.

É o que propõe o pensador Raúl Fonet-Betancourt, cubano, nascido em 1946 na cidade de Holguín, e residente na Alemanha desde 1972. “É doutor em filosofia e letras pela Universidade de Salamanca, e doutor em filosofia e letras pela Universidade de Aachen na especialidade de Linguística e Teologia”. Atua como professor em universidades, membro de sociedades filosóficas e organizador de congressos filosóficos, além de ser fundador de duas revistas e ainda escritor. Sua principal obra intitulada “*Transformación Intercultural De La Filosofía*”, 2001, que “o converteu em um dos filósofos latino-americanos mais relevantes do momento”. (SAMBONI, 2011)

É em torno deste autor, que o presente trabalho visa caracterizar esta proposta inovadora de uma filosofia intercultural. Explorar o pensamento que é proposto pelo autor: uma transformação da filosofia. Compreender alguns conceitos pressupostos, como diálogo, identidade, interculturalidade, que servirão para nortear o trabalho.

Caracterizar a filosofia contextual, em vista da pluralidade de filosofias em suas diversas formas de culturas e fundamentação existentes no mundo. Elencar a crítica ao reducionismo filosófico monocultural e ao eurocentrismo diante das demais culturas, principalmente de matriz latino-americana. Catalogar a importância do diálogo intercultural como instrumento para dar voz ao pluralismo cultural. E ainda, relacionar esta proposta de filosofia intercultural com a contemporaneidade, visando a possibilidade de implantação da mesma e suas implicações.

Portanto, segundo Raúl Fonet-Betancourt (2001, p. 13), “tempo e contexto decidem, em suma, o rosto da filosofia”, classificando ambos, tempo e contexto, como “ingredientes” básicos do saber filosófico, dado que, a cada período histórico, em vista das pluralidades existentes, pensar os mundos de cada indivíduo, servirá para conseguir estabelecer uma virada importantíssima no trabalho filosófico atual.

Em vista disto, Raúl propõe a possibilidade de criação de uma filosofia a partir do inédito, ou seja, através de pensamentos e valores de outras culturas, renunciando a hermenêutica reducionista, para dar voz a vários modelos de interpretações possíveis, como uma ponte de conhecimentos, onde se faz necessário o saber de ambas as margens. (SAMBONI, 2011, p. 41)

Importante destacar, que esta transformação não é de cunho revolucionário, de oposição ou de luta por reconhecimento. Trata-se de uma abertura para dar voz àqueles que por séculos ficaram calados, presos por uma cultura dominante, seja devido ao colonialismo, ou a influências impostas, afim de modificar a figura do mundo, “em que cada um de seus lugares se realiza e celebra a verdade de cada ser humano como condição de realização da verdade de todos.” (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 17)

Assim sendo, esta transformação requer uma aprimoração da tarefa reflexiva filosófica, pois, sendo contextual e intercultural, passa a um processo polifônico, onde as diversas vozes, pensamentos, têm o seu valor e a sua importância, afastando-se de todo o tipo de racionalidade hegemônica monocultural, bem como, do eurocentrismo, para uma nova forma de filosofar potencializada através da razão interdiscursiva.

Pensando no contexto da atual sociedade, em que a cultura da indiferença se faz presente, ou seja, de não aceitação, imposição e desvalorização do outro, esta proposta de filosofia intercultural, pode contribuir para o encontro das culturas do saber, promovendo um maior campo epistemológico abrangente em vista de

igualdade e receptividade das diversas formas do pensar, fazendo com que a filosofia, que por sua natureza é crítica, questionadora e reflexiva, possa cumprir o seu papel, da melhor forma possível, apontando para novos horizontes neste exercício do saber transformador. Pois, como observa Fernet,

O encontro das culturas do saber é um tema que pressupõe a reivindicação da pluralidade epistemológica da humanidade e que por isto mesmo nos confronta com o desafio de proteger e fomentar a diversidade cognitiva no mundo de hoje que é um mundo... epistemologicamente controlado. [...] Falamos 'forte' por que nos referimos a um 'saber' que sabe do que sabe, e, por suposto, também do que não sabe, falamos aqui de 'culturas do saber'. Ou seja, não falamos de 'culturas de pensamento' em um sentido vago de processos de opiniões ou de representações mais ou menos confiáveis, mas sim, justamente, de 'culturas do saber' que argumentam e com suas explicações manifestam conteúdos de verdade. (FORNET-BETANCOURT, 2009, p. 10)

Deste modo, uma ligação de extensão com a sociedade pode ser feita, ancorado no Centro de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros Dra. Nicéa Quintino Amauro (CEAAB-PUC-Campinas) que tem um grupo de estudos interativos com o tema Raça, Cultura e Decolonialidade, onde através de conversas dialógicas, sem nenhum tipo de preconceito ou imposição de ideias, se abre um espaço em torno do diálogo afim de compreender as diversas formas de pensamento, ampliando e problematizando o conhecimento.

Apoiado nisto, e levando em consideração o silenciamento das tradições de matriz cultural, principalmente as de origem latino-americana, se faz necessária uma revisão quanto à cultura fundante de cada ser humano, e o quanto se transforma, em vista da facilidade de acesso a todo tipo de informação, a ponto de deixar morrer certas culturas filosóficas.

Portanto, considerando todo o exposto, a problemática a ser investigada nesta monografia está baseada no seguinte questionamento: é possível a construção de uma filosofia intercultural, tendo como fundo a contemporaneidade e suas implicações? E ainda, em vista das demais tradições menos conhecidas, por que deveriam ser valorizadas e estudadas?

Para isto, a metodologia utilizada, visando alcançar os seus objetivos, será uma análise estrutural sistemática da obra "Transformación Intercultural de la Filosofía" de Raúl Fernet Betancourt, que será utilizada como referência primária nesta pesquisa acadêmica. Partindo da leitura da mesma, será realizada uma análise dos principais

pontos a serem desenvolvidos e expostos, afim de centralizar-se na temática em torno da filosofia intercultural que propõe Fornet.

Além disso, serão utilizadas outras fontes de pesquisa, “Tareas y propuesta de la filosofía intercultural” e “Religião e interculturalidade” ambos do autor estudado. “Historia del pensamiento filosófico latinoamericano” de Carlos Beorlegui, e “Estudios de filosofía da cultura” de Régis de Moraes, bem como a obra do comentador Alexander Cerón Samboni “Estudios de una filosofía intercultural em la propuesta de Raúl Fornet-Betancourt” acerca da referência primária, e outros livros, artigos e monografias que tratam de temas que correlacionam ao assunto proposto.

Dividida em três capítulos, esta pesquisa buscará apresentar um novo modo de pensar da filosofia como intercultural, traçando um caminho de entendimento de alguns conceitos fundamentais, seguido da apresentação do proposto pelo autor e finalmente responder a problemática, se isto é possível na contemporaneidade e suas implicações.

Assim sendo, através de seus pensamentos, um caminho será trilhado, e para isto, é preciso estar consciente de que este trabalho aborda uma proposta, não como uma imposição, mas como uma oportunidade de crescimento racional na obtenção de um novo saber. A título de informação, todas as citações em língua estrangeira foram traduzidas de nossa parte.

## 2 PRESSUPOSTOS PARA UMA FILOSOFIA INTERCULTURAL

A filosofia intercultural de Raúl Fonet-Betancourt é o pensamento principal a ser desenvolvido neste trabalho. Para isto, é necessário compreender alguns pressupostos que são essenciais para o esclarecimento deste tema. Portanto, inicialmente, é preciso conhecer alguns conceitos e ainda captar uma forte crítica que é feita pelo autor, afim de desvendar novos horizontes que serão de extrema importância para o entendimento desta nova proposta de filosofia.

Importante frisar que, apesar do proposto pelo autor ser considerado como uma nova filosofia, não se deve deixar de lado toda a tradição filosófica grega. Afinal de contas, é dela que se inicia o trabalho crítico filosófico, e é, a partir dela, que se torna possível as análises e investigações de toda e qualquer cultura que possa ser tida como objeto de estudo, caso contrário, poderia cair num relativismo.

### 2.1 Conceitos Pressupostos

Assim como usado na filosofia intercultural, o conceito de cultura apresenta a contextualidade e a historicidade como elementos fundamentais deste termo, “pois o desenvolvimento da cultura, independente de como a defina, requer da memória e das experiências conjuntas e compartilhadas”, para formarem as tradições, não em sentido de serem sempre as mesmas, pois, as tradições dão contorno as culturas, que por sua vez, no decorrer da história, estão em constante desenvolvimento. Porém, é preciso ser criado dentro de uma cultura para poder chamá-la de “minha” cultura, pois, apesar de ser considerada uma tradição, é preciso que ela seja transmitida por meio de processos de socialização. (FORNET-BETANCOURT, 2009, p. 39)

“Homem algum possui cultura simplesmente, mas todo ser humano vive e se desenvolve em uma determina cultura”, afirma Regis de Moraes (1992, p. 14). Os seres humanos vivem rodeados de culturas, que não estão disponíveis a qualquer momento. Para haver uma relação com outras tradições culturais, é necessário fazer muito esforço, e assim, conseguir encontrar nelas as coisas “corretas”. Não se deve viver numa única tradição, pois dependendo da situação em que se encontra determinada cultura, deve confrontá-la, a fim de “decidir se e como se confirma a tradição e se deve modificá-la”. (FORNET-BETANCOURT, 2009, p. 41)

A cultura é um movimento natatório, um bracejar do homem no mar sem fundo da sua existência com o fim de não afogar-se; uma tábua de salvação pela qual a insegurança radical e constitutiva da existência pode converter-se provisoriamente em firmeza e segurança. Por isso a cultura deve ser, em última instância, o que salva o homem do seu afogamento. (Cf. F. Mora, 1971, vol. I, p. 391, *apud* MORAIS, 1992, p. 35)

Ortega y Gasset<sup>1</sup>, bem próximo do que Fernet pensa e defende, define o termo cultura como aquilo que constitui e sustenta a vida humana, pois, sem ela não teria as lembranças daqueles que foram afogados, ou seja, calados, esquecidos, silenciados. E ainda, destaca a cultura como em constante transformação, ela se reconstrói com a ação do homem e assim se reinventa, buscando a “salvação do sentido contra o sem-sentido da negação ontológica humana”. (MORAIS, 1992, p. 35)

Como já mencionado, as culturas estão presentes de acordo com a contextualidade de cada local, época ou grupo específico, e por isto, de acordo com a situação em que se encontram, podem ser conceituadas de uma forma monocultural. Em vista disto, Fernet propõe uma “desculturalização<sup>2</sup>” destes conceitos, assim não haverá a “sacralização de tradições culturais como também a instrumentalização do ‘próprio’ através da preponderância de grupos políticos sociais dominantes “ o que poderia acarretar numa hegemonia. (FORNET-BETANCOURT, 2009, p. 42)

A contextualidade das culturas, que expressa acima de todas as suas raízes no mundo da vida dos seres humanos, implica também como uma de suas dimensões constitutivas da situacionalidade das culturas, é dizer, o fato justamente, desse estar-no-mundo e estar-no-tempo; e ele como expressão precisa da peculiaridade de que as culturas são o que são, somente segundo a situação do mundo, e segundo o compasso do tempo. (FORNET-BETANCOURT, 2009, p. 40)

Esta situação, colocada como outra característica da cultura, é expressa principalmente, por conta da divisão de classes sociais. A cultura do rico e a cultura do pobre. Em cada grupo cultural, os membros não têm a mesma situação específica, e, portanto, cada um vive à sua maneira. Isto do “ponto de vista da dialética da

---

<sup>1</sup> José Ortega y Gasset nasceu em Madri no ano de 1883. Considerado como um dos maiores escritores europeu após Nietzsche, segundo Albert Camus. De acordo com Luciano Pellicani, ele “foi um pensador que lutou longamente “para ver realizada uma democracia de tipo novo, na qual as liberdades individuais fossem garantidas e efetivas, a riqueza socializada, o nível cultural do homem médio elevado o mais possível, as aristocracias intelectuais e morais numerosas e diferentemente articuladas”. Faleceu em 1955 em Madri. (ANTISERI; REALE, 2018, p. 405)

<sup>2</sup> Entendida, segundo Fernet-Betancourt (2009, p. 41), como uma desconstrução das ideais próprias de cultura, liberando este conceito de sua “imagem condutora” permitindo a obtenção de um acesso que seja plural em sua própria origem.

opressão e libertação” que é contraditório, pois, ao mesmo tempo que faz algumas culturas morrerem, contribui para que haja a diversidade cultural, o que faz pensar na interação dialética entre a cultura e a sociedade. (FORNET-BETANCOURT, 2009, p. 43)

Neste mundo globalizado, os tipos de culturas mais evidentes são os ocidentais, mas isso não significa que não possa haver o diálogo com as demais tradições, ao contrário, para que haja um mundo diverso, sem correr o risco da hegemonia se fazer presente, é necessário a interação entre as diversas formas de cultura, pois estas interações atingem várias outras áreas como no campo da política. “Não há cultura sem percepções políticas”. (FORNET-BETANCOURT, 2009, p. 46)

E como todo ser humano que nasce dentro de uma cultura, também é formado através de valores que perpassam de geração em geração dentro do grupo social que se vive. Valores que acompanham e que formam cada pessoa no que são, pois, segundo João Décio Passos (2010, p. 127) “o ser humano vive a partir de valores que motivam e direcionam suas ações” que se orientam através de um processo interior de compreensão da realidade, em que “valorar e conhecer são posturas que se interagem de alguma forma na relação concreta do ser humano com o mundo, com os outros e consigo mesmo“. E ainda acrescenta que,

Os valores mais fundamentais da vida humana não são sempre conscientes ou explícitos; podem subsistir como cosmovisão, como herança cultural ou como princípio religioso, todos esses interiorizados no processo espontâneo de socialização dos indivíduos e grupos humanos. Fazem parte do conjunto das objetivações sociais anteriores, superiores ou posteriores a vida estritamente individual. (PASSOS, 2010, p. 130)

O ser humano é constituído de dois tipos de valores, os valores fundamentais e os valores imediatos. Os valores fundamentais são aqueles que determinam a conduta de cada indivíduo frente a tomadas de decisão difíceis, aquelas que definem a existência, e mesmo tomando um rumo contrário, elas permitem o retorno na direção “certa”. Por isto, pode-se dizer, que “é a bússola que dirige a vida numa determinada direção, ainda que na caminhada possa haver pequenos desvios”. (PASSOS, 2010, p. 131)

Já os valores imediatos são utilizados quando se depara com atividades cotidianas, ações diárias, ou seja, decisões de natureza prática, que quase sempre, faz agir com valores não necessariamente fundamentais, até por que “o senso comum, a cultura popular e as tradições religiosas costumam transmitir grandes

valores que os indivíduos e grupos reproduzem em seus comportamentos diários, sem necessitar de nenhuma justificativa racional“ (PASSOS, 2010, p. 131), isto é, há momentos que, inconscientemente, devido à sociedade, é levado a agir de outras maneiras.

Os valores, que fazem parte das culturas, ajudam a formar a identidade de cada pessoa, que podem ser de múltiplas maneiras, pessoal, religiosa, cultural, política, social, nacional, o que torna difícil a definição deste conceito. Tendo em vista o tema proposto neste trabalho, é mais pertinente investigar a identidade pessoal e a identidade coletiva cultural.

A palavra “identidade” traduz o conceito latino de “identitas” que por sua vez equivale ao grego “tautótes” com o que se designa a mesma de um objeto que se apresenta de formas distintas. Assim, a frase “A e B são idênticos” quer afirmar a igualdade da identidade do que é chamado de maneira diferente (“A e B”). Mais importante é reter, que já desde a sua etimologia a palavra identidade denota uma relação. (FORNET-BETANCOURT, 2009, p. 48)

Este termo tem uma longa trajetória dentro da história da filosofia, bem como dos demais já apresentados e aqueles que estão por vir, mas o que interessa aqui é sua explicação na contemporaneidade. Essa relação, citada por Fernet, pode ser percebida na atual sociedade, principalmente devido à forte globalização, que coloca em conflito “a expansão da cultura hegemônica de mercado com a defesa das tradições locais”, resultando em um discurso acerca da identidade que “se desenvolve em nossos dias à luz de um horizonte de tensão entre os extremos opostos do universalismo abstrato<sup>3</sup> e o regionalismo fundamentalista<sup>4</sup>”. (FORNET-BETANCOURT, 2009, p. 50)

A identidade cultural, de acordo com Janete Such (2024, p. 46) “é reconhecida como uma série de propriedades que caracterizam uma cultura ou grupo social” permitindo a identificação das pessoas como membros deste grupo. Há aspectos em comum, como valores, costumes e idioma, que caracterizam a comunidade, ou seja, define, em todos os aspectos, a identidade cultural do povo, à medida que, ao mesmo tempo, diferenciando dos demais povos existentes.

---

<sup>3</sup> De acordo com Fernet-Betancourt (2009, p. 120) as formas de universalismo ditadas, colocadas como precipitadas, pensando na perspectiva da interculturalidade, “definem a universalidade com os meios disponíveis e mais reconhecidos. Mas o que se faz com ele na realidade é decretar como universal (no melhor dos casos) o que não é mais do que uma média universalidade. ”

<sup>4</sup> Está associado a Ideia de fragmentação do mundo. (FORNET-BETANCOURT, 2009, p. 107)

Dela provém a identidade pessoal, que geralmente é marcada por uma mescla entre as tradições particulares do grupo inserido, com aquelas adquiridas num contexto global universal. Porém, muitas vezes, as pessoas apenas acolhem as tradições de suas raízes, se fechando para o mundo, o que acarreta numa intolerância diante da pluralidade mundial. Por este motivo, outros conceitos aparecem no campo de investigação, a tolerância, e o que resulta dela, o diálogo.

A palavra “tolerância” está relacionada à paciência ou ao sofrimento. Exige paciência para entender os seus porquês de agir de determinada forma, e gera um sofrimento por pensar que o outro está completamente errado em suas ações. Por isto, ela é uma atitude que exige compreensão do diferente, ou seja, daquela pessoa que pensa, fala, veste, come, age, de maneira oposta ao comum da comunidade em que se vive. E ainda, exige respeito e aceitação pelas demais tradições.

De acordo com Fonet (2009, p. 57), este termo, tolerância, pode ser dividido em dois níveis. O primeiro nível é o político-jurídico, que está relacionado à forma estrutural e social, onde é regulado a relação entre Estado e sociedade, ou seja, autoridade política e os indivíduos, a fim de poderem expressar suas opiniões e crenças. Já o segundo nível está relacionado à postura e à convicção pessoal, podendo ser classificados como virtudes essenciais para a convivência humana.

Em vista disto, para que haja uma boa convivência humana, o diálogo é primordial, e ele se torna autêntico, quando está imbuído de uma intenção profunda de alimentar a vida. Sempre animado e convicto de que está entrando em um “solo sagrado”, à qual cada indivíduo tem as suas convicções. Pois “o diálogo está para além de uma mera coexistência, envolve o reconhecimento e o respeito pelas diferenças, bem como o lugar das convicções”. É nas relações estabelecidas que acontece a busca por conhecimentos que sejam mútuos para o enriquecimento de ambos. (TEIXEIRA, 2017, p. 21)

A hospitalidade é o ponto de partida para que o diálogo possa acontecer, pois ela “tem início na soleira da porta, quando se dá o “embate” com o rosto de um desconhecido, de um estranho ou estrangeiro. Ali se coloca a delicada questão do “limite entre dois mundos”, o de dentro e o de fora. ” Ela delimita uma fronteira, um embate, e ao mesmo tempo, uma ameaça. É preciso se despojar para ouvir o outro. Ou seja, não é apenas uma acolhida, mas uma recepção respeitosa, em que “ocorre a transformação que implica uma dádiva de si. ” (TEIXEIRA, 2017, p. 25-26)

O que perfaz um verdadeiro diálogo não é termos experimentado algo de novo, mas termos encontrado no outro algo que ainda não havíamos encontrado em nossa própria experiência de mundo (...). O diálogo possui uma força transformadora. Onde um diálogo teve êxito ficou algo para nós e em nós que nos transformou. O diálogo possui, assim, uma grande proximidade com a amizade. (GADAMER, 2002, p. 247, *apud* TEIXEIRA, 2017, p. 26)

É através do diálogo que os conhecimentos podem ser transmitidos de geração em geração para os membros da mesma comunidade ou de outras. É por meio dele que acontece o intercâmbio de ideias, costumes, tradições, numa troca epistemológica de saberes. Como afirma Régis de Moraes (1992, p. 15) “se cada fio de um tecido se concentra em si mesmo, conhecer-se-á enquanto fio, mas nunca enquanto componente de um rico e complexo tecido.” Assim sendo, pensando neste rico e complexo tecido, onde cada fio tem a sua particularidade, é essencial a compreensão do conceito de interculturalidade.

Em essência, a interculturalidade desde a perspectiva de Fonet, interpela a filosofia latino-americana porque em seu rosto se vê o espírito eurocêntrico da filosofia europeia hegemônica; por isto, a interculturalidade sugere um exercício de autocrítica, cujo momento central é o reconhecimento da injustiça cultural cometida pelo prejuízo eurocêntrico. Se trata, então, de um caminho para que a filosofia na América Latina encontre a pluralidade do real e com ele sua própria pluralidade. (SAMBONI, 2011, p. 48)

Para acontecer este reconhecimento dos diversos tipos de cultura que, de certo modo, foram esquecidos ou injustamente deixados de lado, os termos “alteridade” e “outro”, entram em discussão, já que, nesta relação cultural, pressupõe no mínimo dois seres, o ser que fala e o ser que ouve, os quais, nesta inter-relação, cada qual, em seu momento, dialoga, expondo as suas “verdades”.

A palavra alteridade está relacionada a palavra latina “alteritas”, que traduz o termo grego “ehteros”, que abrange um campo mais amplo de significação. Ela indica diferença ou diversidade, além de expressar outras ideias como a de discórdia, divergência ou desunião. “Alteridade, pois, diz respeito ao outro como outro, o qual resiste e põe obstáculos à identidade e ao projeto mesmo da filosofia.” (CECCATO, 2022, p. 33)

Este outro, tem como característica definidora, o ser diferente. Não há como existir um outro se não fossem totalmente diferentes. Ou seja, é necessário existir um contraste nesta relação, caso contrário, este outro torna-se o mesmo, no sentido de ser participante da mesma comunidade, isto é, para exemplificar, como a relação uno/múltiplo herdada da tradição neoplatônica. (CECCATO, 2022, p. 37)

Assim sendo, “a interculturalidade, enquanto processo contextual-universal de capacitação para uma cultura de culturas [...] em relação e transformações abertas, não é missão, mas desmissão.” Fornet está tentando demonstrar que a interculturalidade deve ser atitudes vivenciais e não como algo que se transmite ao outro. Desse modo, a acolhida em cada grupo social, ou seja, o encontro com o outro, já caracteriza, logo de entrada, “uma experiência de convivência em seu sentido forte.” (FORNET-BETANCOURT, 2007, p. 50)

[...] a noção de interculturalidade implicaria em uma nova forma ética, capaz de tomar em consideração as relações entre as valorações substanciais, que estão na base da própria identidade, e dos tipos de normas que cabe reconstruir intersubjetivamente, para conseguir o maior reconhecimento. (ASTRAIN, 2021, p. 64)

Pois, a interculturalidade “não se trata somente da abertura a outra cultura, mas de um reposicionamento da relação de umas com as outras.” Pois na etimologia da palavra, o prefixo inter remete a alguma forma de contato entre culturas. Portanto, a interculturalidade é uma categoria que corresponde ao modo de contato entre as culturas, seja ele simétrico ou assimétrico. (ASTRAIN, 2021, p. 62)

Trata-se de tomar consciência do tempo e espaço em que se vive para não acabar caindo num fundamentalismo ou num fechamento cultural, o que colocaria na posição de desvalorização do outro quando deveria haver uma busca por caminhos de reconhecimento do outro. Isto não denota um abandono da identidade própria, mas sim, um reconfigurar de acordo com a contextualidade atual.

## 2.2 Crítica ao reducionismo filosófico monocultural e ao eurocentrismo

Tendo por pressuposto a apreensão dos conceitos chave apresentados anteriormente, eles apontam para uma crítica que se faz presente nesta nova proposta de filosofia. Raúl Fornet-Betancourt evidencia a sua posição em relação ao reducionismo filosófico monocultural e ao eurocentrismo, já que sua filosofia é de cunho plural.

Para Fornet, a centralidade da filosofia europeia, assim como o tratamento do inculturado, não permitiam explicar o giro que requeria a filosofia latino-americana, pelo que considerou que o termo adequado era o modelo da interculturalidade da filosofia. Com essa perspectiva, a filosofia se encaminhava para superar a ideia da racionalidade herdada da tradição ocidental. (SUCH, 2024, p. 28)

Além disso, Fernet destaca que “na inculturação da filosofia, pois, se dá conta da historicidade do logos. Mais ainda: a inculturação é a expressão concreta do processo de historificação do logos.” (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 61), ou seja, a sua reflexão parte da ideia de que é preciso descentralizar o logos filosófico, isto é, afastar de todo tipo de pensamento que tenha como pano de fundo, uma racionalidade que seja homogênea ou uniforme, pois a razão é plural e através dela, pode existir um trânsito que leva em direção à razoabilidade da razão, podendo se manifestar como não razoável.

A racionalidade se trata então de uma dimensão, de uma via de razoabilidade da razão, enquanto que a razoabilidade é a dimensão interna da razão que propicia as diferentes informações da razão. Portanto, a razoabilidade é o que incita ao diálogo, ao encontro entre os diversos e diferentes, em favor de um coletivo; enquanto que a racionalidade se mantém limitada em uma só razão, defendendo o monocultural, o monodisciplinar na atividade filosófica. (SUCH, 2024, p. 28)

Tendo este embate entre a racionalidade e a razoabilidade, é que Fernet reconhece que o processo de inculturação que a filosofia latino-americana considerava como correta, estava equivocada, passando então, por considerar como forma mais assertiva de aplicação filosófica, a culturalidade da filosofia, isto é, classificando-a como plural e intercultural.

Importante destacar, que o marco que colocou a Europa como centro periférico, foi a descoberta da América pela Espanha. Eles não tinham a intenção de encontrar nada, estavam apenas indo em direção ao centro asiático, mas acabaram por “tropeçar”, como cita Dussel<sup>5</sup>, colocando o paradigma medieval europeu em crise e estabelecendo uma hegemonia mundial em que o mundo europeu estava no centro. (DUSSEL, 2022, p. 56)

[...] a centralidade da Europa no “sistema-mundo” não é fruto só da superioridade interna acumulada na Idade média europeia sobre as culturas, mas também o efeito do simples fato do descobrimento, conquista, colonização e integração (subsunção) da América (fundamentalmente) [...] (DUSSEL, 2022, p. 52)

---

<sup>5</sup> Enrique Dussel nasceu em Mendoza na Argentina no ano de 1934. Suas experiências o levam “a ver a realidade na perspectiva do outro, do integrante das culturas e dos grupos sociais marginais, não hegemônicos, dando origem a uma configuração de uma abordagem filosófica e ética partir do “reverso da história” na expressão de Gustavo Gutiérrez. Será o solo fertilizado, tanto em Dussel como em outros teóricos latino-americanos, para configurar a mais tarde chamada de filosofia da libertação no final da década de sessenta e início da de setenta. Faleceu na Cidade do México, Distrito Federal do México no ano de 2023. (BEORLEGUI, 2010, p.732)

“O que chama a atenção é que o Espírito da Europa (germânico) é a verdade absoluta que se determina ou se realiza por si mesma sem dever nada a ninguém” como aponta Dussel (2022, p. 51), expondo que a partir disto, uma nova forma de relação se estabelece no mundo, as chamadas “formações sociais periféricas” que tem como característica a Europa como centro e as comunidades indígenas e escravas como periféricas.

Tipo de pensamento que, segundo Fernet, deve ser superado, pois sua proposta é de não aceitação de qualquer tipo de absolutização, isto é, seja eurocêntrica ou de outras culturas que se coloquem como centro, pois tendo como referência o já ocorrido e ainda influente dominação dos modelos europeus em escala global, possivelmente isto também possa acontecer com outras civilizações, como a própria Ameríndia, desqualificando sua proposta e fortalecendo ainda mais este tipo de pensamento. (SOUZA, 2020, p. 5)

De uma perspectiva etnocêntrica, não são poucos os comentários que emitem juízo de valor sobre os costumes indígenas (ou mesmo de outras culturas), qualificando-os de menos desenvolvidos, grosseiros ou primitivos. A filosofia intercultural, reforçando a urgência de um paradigma emergente para o conhecimento, põe em cheque tais formas de reducionismo cultural, abrindo todo um campo de possibilidades para contemplarmos e aprendermos com as diferentes culturas. (KALIBERDA; XAVIER; GONZAGA, 2014, p. 50)

Em vista disto, que a filosofia de Fernet pressupõe o diálogo frente à diversidade cultural, e isto vai direto ao encontro do denominado etnocentrismo<sup>6</sup>, porém, como uma flecha afiada e certa, pois sua posição é contrária ao que ele considera como tendo apenas um tipo de pensamento, já que, diante disto, a possibilidade do diálogo se torna algo quase inexistente, e se houver, possivelmente não haverá reciprocidade nem abertura para compreender aquilo que é oposto ao pensamento do outro.

É importante frisar que em nenhum momento ele desconsidera ou desqualifica o pensamento europeu, pois cada sociedade tem as suas culturas, seus costumes e seus modos de ser e de viver, mas o que ele está desconsiderando é o eurocentrismo, ou seja, o pensamento europeu na centralidade de todas as formas de pensar, pois

---

<sup>6</sup> Compreender a razão em sua totalidade, isto é, cada cultura em si é etnocêntrica. “Assim, “em um mundo, em uma cultura (porque toda cultura é, frequentemente, etnocêntrica), em um ethos etc., não se pode sempre deixar de negar a priori o outro.” (ASTRAIN, 2021, p. 123)

isto implica numa desconsideração das demais formas de viver, sejam elas latino-americana, afro-americana ou indígena-americana. Nesta perspectiva,

A filosofia ocidental apesar de sua cumplicidade com a justificação teórica da ideologia do eurocentrismo, tem conservado e transmitido histórias e saberes paralelos, saberes subversivos que lembram que não há paz no mundo, que o real não é um dado irreversível sobre o qual não podemos intervir, ao contrário, a filosofia é fundamental para chamar a atenção para outros mundos possíveis, ela é portadora da memória e busca pela verdade e pela justiça. (SCHNORR, 2015, p. 159)

É preciso entender, que mesmo para aqueles que tem a Europa como principal expoente de suas ações e entendimentos da realidade, a contemporaneidade é marcada pelo pluralismo em suas diversas formas, e por isto é necessário um esforço para estar sempre aberto na direção que leva ao encontro com o outro em suas particularidades, regionalidades e diversidades.

Nossa teoria do entender deveria encarregar-se do outro, precisamente por ser sujeito histórico de vida e de pensamento, algo que nunca pode ser constituível, nem reconstituível, a partir da posição de outro sujeito. Diante do outro, não cabe, então, a reconstrução teórica a partir de minha forma de pensar, mas na preocupação teórica daquele que se coloca na escuta do discurso de outra forma de pensar, vislumbrando, nessa escuta, o começo da transformação recíproca. A tarefa consistiria, então, em empreender a reformulação de nossos meios de conhecimento a partir da disputa das vozes da razão ou das culturas no marco da comunicação aberta, e pela reconstrução de teorias monoculturalmente constituídas. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 42 *apud* ASTRAIN, 2021, p. 137)

Se trata, pois, “de liberar o logos filosófico de toda estrutura de racionalidade constituída para que possa manifestar-se em sua originaria potencialidade polifônica”, isto é, não ter uma forma do logos que seja de modo à colocá-la como um referencial absoluto, ou canônico, mas sim, expor a estrutura de pensamento ocidental do qual foi herdado, possibilitando um maior campo de sentidos que seja aberto e indefinido. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 63)

Em vista disto, o próximo capítulo tem como objetivo fazer uma exposição sobre a filosofia intercultural de Raúl Fornet-Betancourt, apresentando a sua proposta de transformação da filosofia e elencando os principais aspectos necessários para que isto seja possível, já que, a partir disto, a filosofia passa a ser compreendida com um novo paradigma.

### 3 A PROPOSTA DE RAÚL FORNET-BETANCOURT

#### 3.1 Transformação intercultural da filosofia

Num primeiro momento, o pensamento de Raúl Fornet-Betancourt era de uma filosofia que precisava se conectar às culturas e circunstâncias da América latina. Para ele, era necessária a contextualização e inculturação da filosofia dentro de um modelo que entendia como intacto, um “logos”, um núcleo essencial, assim, a filosofia não se reduziria a ser imitadora nem repetitiva. (BEORLEGUI, 2010, p. 821)

Porém, pensando nos modelos de inculturação dominados pela tradição ocidental, Fornet vai construindo seu pensamento, e destaca que é preciso liberar deste “logos”, desta tradição “herdada”, pois:

Se trata, portanto, de liberar a filosofia de toda interpretação unilateral e limitante, entendendo liberar como partir da convicção de que não existe nenhum modelo de filosofar que tenha que considerar como referente absoluto e definidor da essência que todos os demais têm que imitar. Isto supõe abrir o conceito filosófico tão fechado até agora, e entendê-lo como algo plural e multifacetado. (BEORLEGUI, 2010, p. 822-823)

Assim como o exposto no capítulo anterior, para que esta proposta de transformação possa se tornar possível, é extremamente necessário que a visão da sociedade mundial, marcada pelo monopólio artístico, cultural, filosófico, seja superado, a fim de que todas as formas de pensamentos possam ser levadas em consideração. É como uma sala completamente fechada, em que é preciso abrir as janelas para conseguir ver, ouvir e compreender a pluralidade do mundo.

Como destaca Fornet-Betancourt (2001, p. 43) “o diálogo intercultural nos parece ser hoje a alternativa histórica para empreender a transformação dos modos de pensar vigentes”, pois desta forma, há uma reconstrução teórica do pensar a partir da escuta de outros modos de pensamento, deste modo, já é o começo de uma transformação de maneira recíproca, visto que o diálogo intercultural para a filosofia “é o caminho para que a filosofia ganhe um novo acesso para si mesma e aprenda a ver que a filosofia sempre pôde e pode ser de outra forma; isto é, pode exercitar-se, e que deveria se empenhar em fazê-lo, como filosofia intercultural. “ (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 43)

E continua, afirmando que na contemporaneidade, essa proposta de filosofia intercultural é uma prioridade histórica, pois, diante da “autoconsciência e autovalorização de vozes até agora excluídas do processo histórico” (FORNET-

BETANCOURT, 2001, p. 28), evidencia esta necessidade de uma transformação que seja mais radical, pois “esta nova constelação de saberes e culturas, é para nós todos, precisamente, a transformação intercultural; e entendemos por ele o programa de criar uma nova figura da filosofia”. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 29)

Além disso, é necessário “um movimento de trans-racionalização do logos filosófico”, a fim de aceitar o logos das outras culturas que também falam, assim poderá repensar a compreensão da filosofia, e ainda, a sua relação junto à tradição ocidental. Como expressa Beorlegui (2010, p. 823), “Há que redefinir a filosofia, liberar da definição monocultural, e superar a definição da filosofia ocidental como paradigma universalmente normativo. “

A introdução da ideia de contexto parece fazer a diferença para o que se constituirá como o núcleo de sua proposta de transformação da filosofia em chave intercultural, a saber, uma filosofia como um saber contextual, que consiste na explicitação de razões, experiências, articulações, esperanças, compreensões e linguagens de uma comunidade humana específica que deve se autonarrar. (CECCATO, 2022, p. 72)

Esta contextualidade é evidenciada por Fornet em duas dimensões. A primeira está relacionada a duas qualidades fundamentais, a interculturalidade devido às diversas tradições de pensamentos que foram esquecidas ou sepultadas, e a interdisciplinaridade, devido aos muitos saberes existentes. Já a segunda dimensão da contextualidade, é devido a polifonia de vozes, podendo se converter em uma polifonia de fontes. (CECCATO, 2022, p. 73)

Assim sendo, “consciente da ‘contextualidade e historicidade que afetam a todo tipo de saber humano’”, Fornet entende que “a cultura do diálogo e do intercâmbio” (BEORLEGUI, 2010, p. 824) são fundamentais diante de um mosaico de culturas existentes no mundo, principalmente na América Latina, por isto, com o intuito de recuperar e valorar toda esta diversidade cultural que foram postergadas e silenciadas, é o seu grande desafio, que ele busca desenvolver por meio de sua proposta por um programa de filosofia intercultural, que pode ser compreendido da seguinte forma:

Mas em que consiste a transformação radical da filosofia? Para Fornet-Betancourt, trata-se de transcender as fronteiras da institucionalidade e aprender um novo saber: o de que o contexto “doa verdade”. Se o contexto doa verdade então é preciso ampliar a compreensão de verdade não mais como a verdade, mas como um saber intercultural que aprende a aprender da pluralidade das vozes uma verdade que não se impõe como única,

imperial e expansiva, mas como universalidade que dialoga com outras universalidades. (CECCATO, 2022, p. 72)

Portanto, segundo Samboni (2011, p. 17), esta transformação da filosofia como sendo intercultural, passa de uma racionalidade hegemônica, monocultural, para um processo polifônico, onde a razão interdiscursiva permite um novo filosofar. É deixar de lado todo tipo de pressupostos eurocêntricos, por uma filosofia que seja intercultural e interdisciplinar. É afastar-se de pensamentos universalmente descontextualizados, em vista de “uma nova filosofia que brote do inédito”.

Por isto, é necessário “abrir-se a uma filosofia com face polilógica e promotora do direito à polifonia cultural”, já que não se trata de uma filosofia comparativa, nem de uma simples reflexão acerca das culturas ou das potencialidades filosóficas delas, “mas um filosofar a partir delas. “ (BEORLEGUI, 2010, p. 826, *apud* PALANCA, 2001, p. 87). Sendo assim,

Se entende por transformação intercultural da filosofia, a prática de um filosofar que, estando à altura das exigências reais do diálogo das culturas, refaz a filosofia em todas as suas dimensões. Frente as exigências reais do diálogo das culturas, exige que a tarefa da transformação intercultural da filosofia seja mais colorida, pluricromática, pluriforme e plurivisional. (SAMBONI, 2011, p. 18)

Em vista disto, Raúl elenca sete características do porquê a sua filosofia pode ser considerada como uma nova figura. Primeiramente, porque ela brota do inédito, ou seja, se trata de criar a partir da história numa convergência que seja comum, sem nenhum tipo de dominação nem colonização cultural por nenhuma tradição. Questão a ser discutida na seção quatro. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 29)

Segundo porque é um processo polifônico, onde as diversas vozes, em harmonia, conseguem, a partir do contraste com o outro, aprender as experiências e opiniões, num processo aberto de encontro, onde “se vai aprendendo a conviver com as experiências filosóficas de toda a humanidade. “ (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 29)

Num terceiro momento, será nova porque uma atitude hermenêutica é posta em prática, pois a finitude humana em sua individualidade cultural, deve renunciar essa inclinação das culturas em absolutizar e sacralizar, por intercambiar e contrastar. Em consequência disto, o quarto motivo, é porque “renuncia a toda postura hermenêutica reducionista”, numa busca criadora de interpretação dos pensamentos

próprios e do outro, para a obtenção de uma interpretação comum, tornando possível, o modelo de interpretação de cada indivíduo. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 30)

O quinto ponto destacado pelo autor, é porque “descentra a reflexão filosófica de todo possível centro predominante”, isto é, vai mais além do que apenas uma liberação das influências eurocêntricas, libera de todo tipo de centro cultural, mas este ponto não deve ser entendido como uma negação destas culturas próprias, mas sim, saber viver partindo das tradições próprias sem colocá-las como absolutas, entendendo como uma ponte para a intercomunicação. “Nossa cultura seria deste modo, algo assim como uma ponte que não podemos saltar, mas que devemos transitar se queremos chegar a outra margem”. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 30-31)

O sexto motivo, é porque, na busca em abrir um espaço que seja compartilhado e interdiscursivo, torna possível uma exata compreensão relacionada à questão da identidade de uma filosofia, pois, através da transculturalização, que supõe o transporte das tradições, mas com o desejo de que transportem outras, assim, “fazemos agentes pacientes de verdadeiros processos de universalização. “ E por fim, o sétimo item, será nova por que propõe a busca pela universalidade isenta da figura da unidade. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 31)

Portanto, esta transformação da filosofia torna-se necessária, para que possa projetar uma filosofia futura aberta onde

[...] o saber filosófico se apresenta, como um saber consciente de que não pode fechar-se nunca, por que se constitui enquanto tal, pela via do contraste contínuo entre tradições humanas distintas com cargas que sozinhas, elas podem comunicar no diálogo aberto e incessante. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 33)

Contudo, como qualquer outra novidade filosófica, acarreta alguns desafios, como a comunicação entre os filósofos, pois devido à constituição da racionalidade filosófica ser carregada de contextualidade e historicidade de cada cultura, frente ao diálogo intercultural, estas racionalidades se confrontam, e acabam se separando devido a sua identidade histórica própria e específica, o que deveria ser o momento de transmissão e não de separação, pois “no diálogo intercultural filosófico, as filosofias não falam somente sobre, mas sobretudo, com e a partir de sua correspondente diferença histórica. “ (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 36)

Ademais, há um desafio hermenêutico frente ao diálogo intercultural, pois pressupõe um repensar a própria forma do entender, não relativizando, mas remontando o pensamento em vista dos processos históricos atuais. Se trata, pois, de

[...] não converter a nossa própria maneira de pensar no lugar do encontro com o outro; quero dizer, não fazer de nosso mundo categorial o centro, do qual nós todos “compreendemos” o outro, no sentido de defini-lo e determiná-lo a luz de nosso horizonte de compreensão. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 40)

Em consequência disto, Fornet (2001, p. 45) salienta quanto a linguagem, demonstrando a importância de criar condições necessárias para que os povos possam falar com sua própria voz, articulando os seus próprios logos, sem nenhum tipo de pressão nem deformações impostas, gerando uma remontagem da hermenêutica do invasor e da hermenêutica das vítimas, pensando, principalmente, no contexto da América latina colonizada.

[...] Fornet-Betancourt esclarece que o objetivo do encontro de vozes [...] Trata-se, sim, de “pôr em risco realmente a determinação de nossa maneira de pensar ao encontrarmos com vozes culturais que se oferecem como perspectiva” (2001, p. 96) (CECCATO, 2022, p. 75)

Portanto é preciso haver uma conversão do pensamento baseada no respeito, no reconhecimento e na solidariedade recíproca, pois a interculturalidade busca pela incorporação, do outro, em suas diversidades, sejam culturais, religiosas, estéticas, morais, e em si próprio, visando a criação de espaços comuns compartilhados, onde a convivência deve ser pacífica ante os conflitos das diferenças. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 47)

Como afirma Beorlegui (2010, p. 820), “assim, pois, a filosofia é um fruto inevitavelmente contextualizado e inculturado” pois, a “verdade” somente aparece na condição em que se coloca em jogo as suas “verdades”, submetendo ao contraste que é cuidado “pelo caráter interdiscursivo e do caráter intercultural. ” (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 48)

Em resumo, realça Fornet:

Especificando o rosto de nosso tema, significa este pressuposto, o reconhecimento de que nenhuma posição cultural pode entender-se como lugar definitivo da “verdade”, nem, muito menos, como expressão absoluta da mesma. As culturas não dão a “verdade”, mas sim, possibilidades para buscá-la; referências para pôr em marcha, o processo discursivo para a “verdade”. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 48)

Cada filosofia tem o seu método, seu modo de sistematização, um “estilo” próprio que caracteriza cada uma de maneira muito particular, na forma de apresentar e transmitir as ideias. Porém, a filosofia clássica que normalmente é reconhecida na tradição ocidental, tem, cada vez mais, sido colocada como um “estilo” monológico, ou seja, o de fundamentar o próprio pensamento do filósofo. A questão aqui levantada por Raúl, é que este modo de fundamentação é apenas autorreferencial não havendo abertura para a crítica e outros tipos de pensamentos. De modo que este “estilo” se torna para alguns sistemas filosóficos como “áreas de defesa”, pois argumentam afim de defender as suas teses, transformando seus pensamentos em verdadeiras “fortalezas”.

Diferente disto, Fornet propõe um modelo de filosofia que renuncia a forma de exposição de ideias filosóficas como um discurso próprio, em que as ideias apresentadas são colocadas como suficientes, justificando e defendendo a si próprias. Mas sim, por um discurso pessoal que seja colocado num processo de abertura para a discussão, tendo como intenção explícita de ser uma convocação para que outros contribuam com posições divergentes.

Por isto que o autor busca ensaiar um “estilo” de exposição que não seja apenas de explicação defensiva, mas sim, que tenha como principal característica, ser uma proposta, uma exposição que esteja aberta a crítica e ao contraste, pois, nesta nova filosofia, “a palavra do outro, da outra cultura, é parte constitutiva do meu próprio processo de pensar. ” (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 55)

Deste contraste com as proposições, que é também um contraste de formas de racionalidade, talvez possa emergir a figura de uma filosofia intercultural como processo de recíproca interpelação e convocação de racionalidades culturalmente determinadas, mas que estão dispostas a entrar na dinâmica desse intercâmbio intercultural donde toda cultura determinada é trânsito, e não ponto final. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 55)

Fornet aponta para a tradição ocidental como um “tronco” do qual não se pode negar. Assim como toda cultura que tem um “tronco” específico, isto é, que tem uma filosofia herdada de uma tradição que denota um limite no horizonte de compreensão, deve agora, integrar a diversidade existentes do mundo em si próprio. Pois cada “tronco” tem as suas universalidades concretas, que passaram a ser universalidades históricas, já que elas se capacitam “para o encontro solidário entre si, ou não. “ (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 65)

[...] Este processo de aprendizagem, supõe logicamente a disposição a “des-definir” a filosofia, quer dizer, libera-la da definição monocultural que ainda pesa sobre ela ou, ao menos, de não elevar esta definição ocidental a categoria de paradigma universalmente normativo. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 67),

Importante destacar que para Raúl (2001, p. 56), “a filosofia não é crítica nem, muito menos, somente interpretação ou comentário de textos, mas confrontação discursiva com todos os fatores que formam e conformam o horizonte de vida e de pensamento do tempo histórico correspondente” e para que ela possa exercer o seu papel como crítica histórica, duas qualidades são apontadas como fundamentais a nível metodológico desta nova proposta de filosofia, sendo elas a interculturalidade e a interdisciplinaridade.

Na concepção de filosofia que pressupomos como hipótese de trabalho, influi então, um “princípio de esperança” que nos motiva a propor a transformação intercultural da filosofia, não no sentido de uma finalidade autossuficiente, mas sim como uma tarefa que a filosofia cumpra para poder cumprir melhor a sua missão histórica no mundo de hoje. Assim, a proposta é: transformar a filosofia em vista da sua melhor contribuição a transformação da vida e do mundo. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 58)

Tendo apresentado os principais pontos que convergem para que aconteça esta transformação da filosofia, o que segue é uma análise ainda mais minuciosa com relação a esta mudança de paradigma filosófica proposta pelo autor, descrevendo acerca das duas características principais já anunciadas anteriormente, a de ser uma filosofia que seja intercultural e interdisciplinar.

### 3.2 Filosofia intercultural

Tendo como referência o descobrimento da América, Raúl (2001, p. 73) afirma que ela “não é o resultado do encontro de dois mundos. É mais um complexo mosaico de muitos povos e de comércio de outras tantas tradições”, ou seja, para ele, é preciso que haja a aprendizagem, permitindo o descobrimento da América em sua originalidade e em sua pluralidade.

Usando do filósofo José Martí<sup>7</sup> da obra “Nuestra América”, ele aponta para um modelo de ordem político-social justo que deve ser implantado nas sociedades

---

<sup>7</sup> José Martí nasceu em Havana, Cuba, no ano de 1853. “A filosofia que Martí defende para a América Latina será uma filosofia positiva, porém não tanto no sentido positivista, mas no sentido de concreta, como já proposto por J. B. Alberdi, não imitando as filosofias anteriores, mas criando desde a América Latina, desde o contexto histórico-cultural que teve que viver, e, portanto, apegada as necessidades de seu povo, a América Latina. “ Faleceu em 1895. (BEORLEGUI, 2010, p. 339)

americanas, pois visa que qualquer grupo étnico deve ter a sua hegemonia mediante o seguinte princípio: “a razão de todos nas coisas de todos, e não a razão universitária de uns sobre a razão rural de outros”, ou seja, todas as hegemonias devem ser consideradas e não apenas a cultura europeia. (MARTÍ, 1975 *apud* FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 74)

“Nuestra América” é assim crítica ao colonialismo como sistema de opressão e de destruição da diversidade. “Nuestra América” nasce com a libertação das diferenças culturais; e por ele nasce também sobre a base da livre comunicação dos povos: “Os povos se põem em pé e se saúdam. Como somos? Se perguntam; e uns a outros se vão dizendo como são”. “Nuestra América” é, pois, projeto de realização da unidade a partir da irredutível diversidade originária. (MARTÍ, 1975 *apud* FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 75)

Apoiado nisto e levando em consideração o descobrimento da América como fonte rica de diversidades culturais, torna-se possível o modelo de filosofia intercultural, principalmente quando se trata da América Latina, pois não apenas Martí, mas outros filósofos se empenharam no projeto de “descobrir” a América em chave intercultural, isto é, a fim de ler a tradição cultural tirando as lentes que foram construídas de modo monocultural.

Portanto, o programa de filosofia intercultural que Fornet apresenta tem como ponto de partida a experiência do pensamento ibero-americano<sup>8</sup>, mas isto não significa que a intenção seja de sistematizar uma tese teórica, pelo contrário, a intenção é de reconstruir a tradição de pensamento para que seja plural, onde muitos rostos, vozes, culturas e povos façam parte.

Nossas histórias da filosofia e das ideias (filosóficas) são então como normalmente são, isto é, histórias da dinâmica da transplantação, recepção e adaptação de correntes filosóficas europeias, por que refletem o critério indicado e por que com ele assumem uma concepção da filosofia monoculturalmente determinada. Este leva, logicamente, a exclusão ou desqualificação a priori de outras possíveis formas de filosofia. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 81)

Isto pressupõe que a América é dependente diretamente da Europa para que a filosofia possa ser produzida em seu território. Deste modo, “a filosofia na América é assim prolongação do lugar filosófico cuja fundação originária foi obra do espírito grego”, mas que, reconstruindo esta história, do nascimento da filosofia na Grécia

---

<sup>8</sup> “O termo pensamento ‘ibero-americano’ que busca ser confirmada [...] no sentido de ‘coro polifônico’ onde eles se encontram, participam e entrecruzam em tensa e as vezes conflitiva relação, as diversas tradições de pensamento e de expressão cultural em geral.” (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 78)

como uma tradição “regional”, também compreenda que esta tradição “regional” possa colocar outros lugares como fundadores da filosofia, ou seja, a América Latina e outros lugares possíveis. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 82)

E como consequência desta reconstrução do pensamento europeu, uma nova reconstrução deve ser feita, a do pensamento ibero-americano, devendo ser como um “coro donde cantam e se ouvem muitas vozes; vozes estas reveladoras de lugares fontes de reflexão filosófica. ”, que neste importante passo metodológico, num continente superplural e diverso como este, dá voz junto à legítima voz europeia, deixando de lado os cânones da filosofia para uma investigação mais além das já conhecidas. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 84)

Havia que consultar fontes, sem pré-juízos; fontes provenientes de outras áreas como a poesia, a literatura, a religião, etc. E, mais, todavia, havia que aprender a superar, sem sentir-se incomodo ou com má consciência, os limites de nossa cultura escrita, para ouvir e dar o seu lugar também a outras fontes transmissoras de pensamento, cuja vozes não objetivam suas palavras por escrito, mas que o transmitem em sua específica cultura oral. Ademais, teria que criar o espaço para que o rito e o símbolo possam também comparecer ao encontro no coro de vozes do pensamento ibero-americano. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 85)

Diante das diferenças metodológicas, é preciso haver um giro, a fim de que seja possível perceber que todos os povos têm a sua palavra, palavra esta que nos interpreta de acordo com os seus mundos, seja indígena, afro americano, ou outros, passando de uma perspectiva de povos que são interpretáveis para povos que interpretam a partir de suas realidades. E nesta compreensão de que sua palavra comunica, oferece a todos uma oportunidade de rever as perspectivas iniciais, entrando num processo de universalização que tem início na transculturalização<sup>9</sup>.

Segundo Fonet (2001, p. 92), “o desenvolvimento de um modelo de filosofia intercultural deve acompanhar-se necessariamente como uma mudança de rumo na filosofia e, mais particularmente, como uma revisão de nossos hábitos de pensar. ”, devendo ser como “um exercício continuado de convocação de vozes e de re-perspectivação de saberes e sabedorias. “, para que haja o contraste entre as diversas vozes. (2001, p. 94)

---

<sup>9</sup> Este termo, apresentado por Raúl, é do pensador cubano Fernando Ortiz. Vai muito além do que apenas uma interação entre culturas distintas, pois ela promove aquisições, perdas e transformações culturais. Fernando Ortiz, *Contrapunteo cubano del tabaco y del azúcar*. Caracas, 1978, pp. 93ss.

Por conseguinte, reconstruir o pensamento iberoamericano é tão necessário e urgente, em vista da multiplicação dos sujeitos, afim de torná-los sujeitos vivos, que dialogam entre si, pois a língua espanhola falada na Espanha não diz as mesmas coisas da mesma falada na América, e deste modo, com toda esta pluralidade, possam compor o mosaico da Iberoamérica como

[...] um desafio central nesta empresa de reaprender a pensar desde a experiência da interculturalidade radica na superação do paradigma da dualidade “Sujeito – Objeto”, em ir mais além dos limites marcados por um processo cognoscível centrado na dialética do sujeito conhecedor e do objeto cognoscível, para fundar um movimento dialético-dialógico qualitativamente superior, a saber um movimento de comunicação e compreensão sustentado pela livre e recíproca explicitação da “respectividade” da correspondente perspectiva inicial de todos os sujeitos cujas vozes concorrem ao coro polifônico do diálogo intercultural. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 98)

Deste modo, a interculturalidade apresenta um novo modo de “pensar respectivo” onde os diversos sujeitos entram num processo comum de comunicação que seja aberta para dentro, no sentido de aclarar as suas próprias tradições e procedências, mas também de ser aberta para fora, havendo assim uma convivência dialógica com os demais sujeitos.

### **3.3 Filosofia interdisciplinar**

Este modelo de filosofia que tem em sua nomeação a característica principal de seu desenvolvimento, ser intercultural, apresenta também um segundo atributo que é tão importante quanto este, a de ser interdisciplinar. Qualidade esta, que deve ser entendida “como um motor suplementar necessário para o avanço e consolidação deste programa filosófico. “ (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 112)

Através dela, Fonet (2001, p. 113) destaca que há uma dupla descentralização da filosofia, tendo por um lado as referências das culturas próprias, e do outro, as referências conceituais específicas, tornando-a um meio necessário e essencial, já que é trânsito para o conhecimento das mais diversas culturas, e ainda, é qualidade epistemológica em geral, como expressa da seguinte forma:

A interdisciplinaridade lhe facilita deste modo o acesso aos diversos âmbitos das outras culturas com as que trata e ajuda a decifrar as suas mensagens. Contudo, a interdisciplinaridade é também necessária, mas além dessa necessidade de informação, por que é fonte para “informar” (no sentido de dar forma) seu próprio saber com outros elementos, isto é, por que é componente essencial para poder cumprir seu próprio processo de transformação. Em resumo, pois, a “informação” (tomada neste duplo

sentido) é parte integral do processo de transformação intercultural. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 114)

Na maioria das vezes os seres humanos são inclinados a pensar de maneira monocultural. Inconscientemente ou não, isto se dá pelo motivo de terem sido educados desta forma, não havendo sequer o interesse de ir além dos seus horizontes de compreensão, o que denota uma atitude contrária à interdisciplinar, pois esta tem como fundamental o despojamento das disciplinas, assim, uma interconexão das mais diversas autonomias passa a ser formada.

Porém, para que este despojamento possa existir, é preciso que todas as ciências e disciplinas passem, primeiramente, por um exercício de autocrítica, questionando sua legitimidade epistemológica, para que, no exercício de investigação perante as outras ciências, elas possam explicar e receber uma maior forma de compreensão, assim, reconstrói criticamente a autonomia de cada uma.

Deste modo, Raúl (2001, p. 117) cita sobre a importância de se criar um espaço que seja aberto para o intercâmbio e para o diálogo, pois nas “fronteiras” de cada ciência, é preciso que este muro possa ser reconstruído com cimento misturado, ou seja, de uma forma que o “inter” requalifique esta compreensão, transformando em “fronteiras com”, onde os diversos saberes das distintas ciências passem a intercambiar e dialogar.

Por isto, ela não pode ser entendida como meramente organizadora das ciências, servindo-se de certos conhecimentos para atualização de outras ciências, já que, não superaria o horizonte monodisciplinar<sup>10</sup>. Além disso, não pode ser vista como meramente sistematização de saberes acumulativos, pois ela não pode ser confundida com uma acumulação de saberes ou com a justaposição.

Nosso esboço de pensamento tende melhor a visualização da interdisciplinaridade no sentido de uma tarefa programática que nos desafia a convocação das racionalidades disciplinares para que estas – superando desde suas disciplinas internas – se comprometam na controvérsia argumentativa, mas vendo já nesta oportunidade (interdisciplinar) de fundamentar modelos de cooperação mútua atualizadores de sua necessidade de relação com... [...] (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 118)

A interdisciplinaridade tem o seu início, numa “relação necessária” das ciências em suas variadas formas de racionalidade, buscando equivalência na compensação

---

<sup>10</sup> Este termo relaciona-se a apenas um tipo de disciplina ou conhecimento a ser estudado. Não há integração com as demais disciplinas diferentes.

e reciprocidade, qualificando epistemologicamente, cada ciência de um modo novo. Ela não reprime a controvérsia, ao contrário, a fomenta, porém, no sentido de convocar as racionalidades num processo dinâmico e investigativo, possibilitando, nestas diferenças, condições de uma tipologia<sup>11</sup> das mesmas. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 121)

Contudo, deve-se procurar ir além da tipologia, para um processo de transracionalização, que graças a interação interdisciplinar, as racionalidades particulares abrem-se para a racionabilidade da razão<sup>12</sup>, em que o disciplinar e o disciplinante se encontram e se reconhecem num processo de transfiguração de uma razão. É o processo interdisciplinar de trânsito entre as razões.

Ademais, em vista deste exercício interdiscursivo que propõe a transracionalização, é possível repensar acerca de uma fundamentação pela unidade dos saberes “sem criar na dominação ou no totalitarismo de uma forma de racionalidade” para que seja como um espelho que não pode haver somente uma disciplina a ser refletida, mas sim que reflita a relação entre todas elas. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 122)

Em resumo, pois, desde uma perspectiva filosófica, se pode dizer que o realmente essencial e decisivo na tarefa da interdisciplinaridade é saber assumi-la como uma oportunidade metodológico-epistemológico incomparável para trabalhar dialogicamente com outros saberes no programa de viver, exercitar e pensar da razão humana como um “concerto” ou uma “composição” sempre inconclusivos; e, portanto, de onde nunca se poderá pendurar o letreiro de “não há entradas”. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 123)

Portanto, a interdisciplinaridade tem a sua função nesta nova proposta de filosofia, de ser como que “uma força interna que a impulsiona a promover seu mesmo tipo de racionalidade no sentido de uma racionalidade que demarca cuidadosamente seus limites e saber deles como limites de si mesma. ” Além de ser fronteiras, interconectando com racionalidades diversas, o que contribui para a convocação das disciplinas facilitando a promoção própria do processo de transformação. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 124)

---

<sup>11</sup> Agrupamento de elementos diferentes que contém qualidades em comum, afim de analisar e estudar.

<sup>12</sup> “[...] qualidade de uma razão que se alcança não pela ‘superação’ das racionalidades, mas pelo processo de transportação e tráfico em múltiplos sentidos das diversas racionalidades. “ (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 121)

## 4 A NOVA CONSTITUIÇÃO DOS SABERES

Caracterizado a filosofia intercultural expondo principalmente as suas principais características a de ser intercultural e interdisciplinar, segue agora as implicações na contemporaneidade que são causadas por esta nova filosofia. Implicações apontadas pelo próprio autor em sua época, mas que segue sendo um dos grandes problemas à ser superado ainda hoje: o problema da globalização como ideologia neoliberal<sup>13</sup>.

### 4.1 Implicações da filosofia intercultural na contemporaneidade

Inicialmente, visando destacar acerca das implicações da filosofia intercultural, importante reafirmar da mesma, que em sua prática filosófica, através do diálogo das culturas<sup>14</sup>, esta “refaz a filosofia em todas as suas dimensões, desde novas experiências de Inter fecundação entre as distintas culturas filosóficas da humanidade. “ (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 173)

Ao falar deste programa como uma transformação da filosofia, é porque visa o seu melhoramento, um aperfeiçoamento em vista do que o mundo apresenta como realidade atual. Por isto parte de uma filosofia mais “colorida”, que tem como característica ser plural, a fim de cumprir melhor a sua função, em que o contexto histórico, ou seja, a contextualidade atual, pede.

Contextualidade esta, que é marcada pela globalização,

[...] ou seja, pelo processo resultante de uma política econômica que se expande mundialmente como a única opção civilizatória da humanidade e que, justamente por entender e querer se impor como o único projeto globalizável, não tolera diferenças culturais como planos alternativos, isto é, culturas com alternativas próprias, nem no Ocidente nem em nenhuma outra região do mundo. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 175)

Como destacado, isto não se aplica apenas ao Ocidente, pois a globalização com suas políticas e estratégias econômicas de alguns grupos que dominam e controlam o poder, estes, acabam por reduzir o “Ocidente a uma cultura ou civilização de mercado e de consumo” com o objetivo de fazer o mesmo com todas as culturas do mundo. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 175)

<sup>13</sup> “[...] a ideologia neoliberal quer impor hoje, um mundo universal [...]” como um mundo sendo global de mercado. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 172)

<sup>14</sup> “[...] entendemos por ele, uma tarefa que não deve fazer abstração do marco histórico no que se leva a cabo o chamado diálogo das culturas.” No qual, este marco histórico, deve ser referência fundamental na conferência “das exigências reais do diálogo das culturas.” (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 175)

Esta ideologia, classificada por Fernet como uma ideologia totalitária, rouba o eixo estrutural básico de todas as culturas da humanidade, já que diante desta perspectiva ideológica da globalização do mercado imposto como modelo civilizatório do mundo, “dita a forma de gerar o tempo e fecha o horizonte de nossa percepção espacial”. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 176)

Em vista desta caracterização da globalização, o contexto do diálogo das culturas na contemporaneidade, se apresenta cada vez mais como um grande desafio, pois, diante da política econômica neoliberal, o diálogo, ou simplesmente a interação entre culturas não existe. O que acontece com nossa sociedade é, conforme apontado por Raúl, um “furação da globalização”, que propaga uma hegemonia de poder presente em todos os sistemas e organismos nacionais e internacionais, tornando necessário que haja o diálogo entre as culturas.

[...] há que exigir que o diálogo das culturas seja de entrada, diálogo entre os fatores econômicos, políticos, militares, etc. que condicionam atualmente o franco intercâmbio entre as culturas da humanidade. Esta exigência é hoje imprescindível para não cair na ideologia de um diálogo descontextualizado que favoreceria somente aos interesses criados da civilização dominante, não levando em conta a assimetria do poder que reina hoje no mundo. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 177)

Deste modo, dentre algumas exigências que aparecem como fundamentais para que haja o diálogo entre culturas, a primeira delas, é criar condições reais em que o diálogo seja em grau de igualdade. Trabalho que cabe a filosofia contribuir para desmascarar a contextualidade histórica, e ainda, de reorganizar as condições do diálogo, que deve ser no respeito e no reconhecimento de cada cultura.

Por isto que a filosofia tem um compromisso de denunciar as diferenças de poder presentes no contexto mundial, porém, ao mesmo tempo, de explicitar este diálogo das culturas que tem como qualidade ser intercultural, devendo “caracterizá-lo, a saber, como modelo alternativo ao modelo vigente da globalização”. Como exemplificado pelo autor: (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 179)

É, pois, também da competência desta filosofia comprometida formular o *plano* da crítica ou, se prefere, mostrar que a crítica do monoculturalismo contextual e da globalização uniformadora do mundo tem um *plano*: a alternativa de um mundo constelado por relações interculturais baseadas na observação prática do direito de cada cultura a ser si mesma. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 179)

Assim sendo, esta atividade crítica, faz com que a filosofia se depare com uma grande pluralidade de contextos com suas diversas formas de interpretação, acarretando numa abertura para ouvir a mensagem que todas as outras culturas comunicam, em suas maneiras de viver em cada contexto específico, afim de compreender as suas metas e valores, pois toda cultura, mesmo que seja excluída, não podem ser colocadas como realidades mudas, mas sim, como “fontes de interpretação e de sentido do real.” (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 181)

Ademais, a filosofia não só encontra este desafio, como também, a partir disto, surge a possibilidade da interação entre os diversos tipos de universos culturais do mundo, onde cada um se comunica e escuta o outro, numa nova forma de universalização baseada no compartilhamento das culturas próprias, resultando num horizonte construído pela comunicação das diversas visões do mundo, em que cada uma é marcada por sua originalidade própria.

A originalidade das culturas não exclui a interação; ao contrário, a supõe como um dos fatores que a possibilita como originalidade histórica, é dizer, como originalidade que não se dá de uma vez por todas, como uma entidade metafísica caída do céu, mas que vai nascendo de processos em que se discerne precisamente o “dentro” e o “fora”, o “próprio” e o “estranho”, etc., isto é, em que vai causando uma apropriação específica do mundo, uma forma específica de tratar com ele e de organiza-lo. E é evidente que esses processos históricos são processos *em fronteira*; e por isso as fronteiras que separam os universos culturais específicos, são ao mesmo tempo o território da onde se podem descobrir as pontes para transitar de uma para outra e constatar a interação entre elas. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 185)

Cada cultura não pode ser vista como bloqueios monolíticos, isto é, “como manifestações de desenvolvimento de uma tradição única que cresce sem conflitos nem contradições”. Ao contrário, por mais que pareçam estabilizadas, com seus códigos simbólicos, crenças, formas de viver, na busca por elencar suas metas e valores específicos, a interação e o conflito acontecem, demonstrando que mesmo naquelas em que já aparentemente estão consolidadas, sempre há novas possibilidades, seja de libertação ou de opressão. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 185)

Além do mais, Fonet seguindo a linha de pensamento de Sarmiento<sup>15</sup>, que formula uma polêmica entre “civilização e barbárie”, em que se busca superar esta

---

<sup>15</sup> Faustino Valentín Sarmiento nasceu em San Juan, capital da província Argentina de Cuyo, em 1811. Foi político, escritor e viajante. Faleceu em 1888, aos 77 anos. (Direção Geral de Cultura e Educação da Província de Buenos Aires, 2021)

“barbárie”, já que, em sua filosofia da história, a “civilização” a supera deixando-a para trás, no sentido de colocá-la num passado pré-histórico. Fonet confronta esta tese com uma “barbárie” do presente, à qual, vivemos num “tempo de barbárie” onde a “civilização” se apresenta como um problema central. Ele destaca:

Meu diagnóstico seria, por conseguinte este: Nós todos temos hoje nossa própria “barbárie”; uma “barbárie” pós-civilizatória que é evidente na destruição das culturas, na exclusão social, na destruição ecológica, no racismo, no reducionismo de nossa visão da criação, no desequilíbrio cósmico que gera o modelo de vida propagado por nossos meios de publicidade, na fome e na desnutrição, etc. (FONET-BETANCOURT, 2001, p. 193)

Portanto, apoiado em Martí que contesta o modelo civilizatório como uma forma de uniformizar o mundo, Fonet pretende responder a esta “barbárie” presente na sociedade, de modo a evidenciar que a civilização não é a solução, pois cada uma gera a sua própria “barbárie”, mas a partir delas, pode-se chegar a uma alternativa possível.

Se trata então de um recurso intercultural crítico à diversidade cultural que vê nas culturas, é dizer, no reconhecimento real de que cada cultura como visão do mundo que tem algo a dizer a todos, o *caminho* mais apropriado para buscar uma estratégia comum de vida para todos. As culturas, pois, não são a solução, mas sim o *caminho* para alcançar soluções viáveis e universais. Por isto proponho o recurso a diversidade cultural como proposta de resposta diante do desafio planetário da “Barbárie” em nossa “Civilização”. (FONET-BETANCOURT, 2001, p. 195)

E para que isto possa ser possível, as culturas devem ser respeitadas e reconhecidas, a fim de que todos “os sujeitos de qualquer universo cultural possam apropriar-se, sem consequências discriminatórias, das ‘reservas’ de sua tradição de origem como *ponto de apoio*” em sua própria identidade pessoal. (FONET-BETANCOURT, 2001, p. 197)

Além disso, Fonet ainda destaca que não existe apenas os conflitos entre culturas, mas existe também um conflito interno, um conflito entre as histórias particulares de cada membro do grupo cultural em que está inserido, pois, além de encontrar processos de constituição e estabilidade, em cada cultura encontra-se também o que ele denomina de “desobediência cultural”, que são,

Contradições sociais, políticas, econômicas, religiosas, etc.; que evidenciam as lutas internas que fragmentam e diferenciam os universos culturais específicos e que fazem deles lugares históricos social e economicamente diferenciados, isto é, lugares onde há espaço não somente para a diferença

individual – já mencionada –, mas também para a diferença de “classe” ou de grupos de interesses; diferença que é a que determina, em última instância, o curso do que tem chamado o conflito de tradições e interpretações no seio de uma mesma matriz cultural. “ (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 200)

Esta “desobediência cultural” que é fomentada pela filosofia intercultural, é mencionada e explicada por Fonet, apontado sete observações a seu respeito. O primeiro, é porque ela gera dentro de cada cultura, uma forma de crítica no modelo estável que cada uma segue. Em segundo lugar, é pelo direito de cada indivíduo em enxergar a sua cultura como modificável e transitável, pois não se vive apenas no passado, há um futuro que deve ser tido e vivido pelos processos de interação.

Uma terceira observação disto, se dá em compreender que o modo de ver o mundo deve ser sem reduzi-lo a sua visão, ou seja, deve estar aberto para viver a experiência do contraste cultural, não se impondo como a uma única visão a ser seguida. Ademais, a quarta observação está relacionada com o ser humano que está e é em uma cultura específica, porém, no sentido de não ser obrigado a ficar nela, pois “cada pessoa humana deve fazer de sua cultura ‘própria’ uma opção” e não como uma ditadura totalitária que regue o modo de ser e de pensar impossibilitando a interação e busca por outras culturas. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 186)

Em consequência da quarta, segue a quinta observação que, entendo esta desobediência cultural como uma práxis cultural que fomenta a libertação, “é necessário aguçar em cada cultura a consciência de que seus sujeitos devem retomar constantemente o conflito de tradições” o que oculta o rosto estabilizado da cultura própria, passando a vê-lo na dialética da libertação e opressão. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 187)

Além disso, a sexta observação, que, cumprindo a tarefa da filosofia intercultural de transformação das culturas sem haver opressão de nenhum tipo de universo cultural, fomenta uma atualização na estabilização vigente de cada cultura rejeitando todo tipo de sistema que implique em opressão e exclusão. E ainda, a sétima, para impedir qualquer tipo de sacralização das culturas, pois nenhuma pode ser vista como monumentos intocáveis, mas sim, em interação e conflito.

Em vista desta dialética que tenciona a determinação e liberdade, bem como a opressão e libertação, as culturas não podem ser compreendidas apenas como expressões de tradições homogenias, pois há diferenças culturais, biográficas e ainda ético-políticas impedindo a sua redução como de uma forma estabilizada.

Assim sendo, postular a diversidade de culturas como possível caminho frente a globalização neoliberal, é postular o seu valor como, o já destacado, “reservas da humanidade”, que servindo como pontos de apoio, em interação, visando a humanização da sociedade, a pluralidade cultural, intercambiando e comunicando os horizontes culturais, complexos e ambivalentes, em que há contradições e conflitos internos, acarreta no chamado diálogo intercultural. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 204)

#### 4.2 Diálogo intercultural como ferramenta filosófica

Após o exposto, como resposta as implicações da filosofia intercultural, principalmente com relação à globalização neoliberal, a “barbárie” e a desobediência cultural, surge o diálogo intercultural que, na contemporaneidade, aparece mais como um projeto do que realidade a ser desenvolvida no mundo, pois ainda se propaga um modelo homogeneizante de civilização, a qual, até mesmo onde há o diálogo, este é desenvolvido num nível insignificante ou até mesmo de forma controlada para os próprios interesses uniformes.

O diálogo intercultural se entende ademais, e em consequência, como método para aprender a *relativizar* as tradições consolidadas como “próprias” dentro de cada cultura e, talvez acima de tudo, para aguçar nas culturas a tensão ou o conflito entre os sujeitos ou forças interessadas em conservar e/ou defender e aqueles interessados em transformar. Por esta via completa de abertura, relativização e tomada de consciência da possibilidade de câmbio, o diálogo intercultural prepara as culturas para que se conheçam melhor entre si, e para que, mediante esse conhecimento das outras, se conheça cada uma a si mesma. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 207)

Este método que o diálogo intercultural propõe, aponta para um duplo conhecimento, que leva a conhecer melhor a alteridade, e ao mesmo tempo, a se conhecer. Resumidamente, é uma via de mão dupla, enquanto que, numa se informa o outro, na outra, se deixa ser informado pelo outro. Isto se dá, justamente por meio da interação e pelo conflito.

Em termos sartreanos<sup>16</sup> diria que o diálogo intercultural se caracteriza por ser um projeto que aspira a reestruturação das relações entre as pessoas e suas culturas optando pela universalização dos princípios da coautonomia e

---

<sup>16</sup> Jean-Paul Sartre nasceu em Paris em 1905, onde lecionou filosofia. Estudou fenomenologia. Fundou, juntamente com Merleau-Ponty, um grupo de resistência intelectual Socialismo e Liberdade. Esteve em grandes viagens políticas, se encontrando com figuras como Fidel Castro. Sartre foi filósofo, romancista, ensaísta, dramaturgo, conferencista e roteirista cinematográfico. Faleceu em 1980. (ANTISERI; REALE, 2018, p. 468)

coosoberania como modos de vida que concretizam e realizam o “plano” da liberdade em todos e para todos. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 208)

Em vista disto, a finalidade do diálogo intercultural, que é oposta à globalização neoliberal, é por uma universalidade mundializada, em que os múltiplos universos culturais possam participar na estrutura de como se define hoje a humanidade, “e que estaria marcando a possibilidade de temporalizar uma história de humanização não amarrada a um futuro ditado como o único possível”, tendo em vista uma sociedade aberta em que se gera simultaneamente e solidariamente diversos futuros. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 208)

Levando em consideração uma tradição filosófica ocidental enraizada em Sartre, Fonet apresenta quatro supostos filosóficos do diálogo intercultural. O primeiro deles é o ser humano na concepção “universal singular”, ou seja, manter viva a subjetividade das culturas na história da humanidade, assim todo universo cultural original singular, vai sendo perfurado pelas subjetividades humanas, o que transculturaliza o ser humano e possibilita uma universalização dos singulares.

O segundo suposto do diálogo intercultural realiza o primeiro, no sentido de explicitar o princípio da reflexão subjetiva “como nome da invariante antropológica daquele tipo de reflexão que qualifica a todo ser humano em qualquer universo cultural específico como fonte de exterioridade e de indeterminação. “, mas que deve ser tida como zonas de comunicação, fazendo com que cada um possa revisar a sua identidade cultural de origem, já que, a subjetividade reflexiva não é associada a uma identidade definitiva. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 213)

Além disso, o terceiro suposto filosófico é o “cultivo da liberdade como verdadeiro núcleo duro da reflexão subjetiva. “ Este suposto, que é uma implicação dos anteriores, aponta para a liberdade que qualquer universal singular tem o direito de buscar, indo além de todos os limites das situações culturais em que se vive. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 214)

E por fim, o quarto suposto filosófico é o da racionalidade, já que “o exercício da razão supõe a liberdade”. Se existem várias formas de ser e de viver, a escolha, que ocorre na liberdade de cada ser humano, é realizada por meio da racionalidade, de si mesmo e do outro, a fim de definir cada cultura pessoal. Portanto, neste e nos demais supostos, cada um tem conhecimento de sua cultura original, agora se são aceitáveis pelas demais tradições, não depende apenas do que a filosofia propõe, mas sim, ao diálogo intercultural. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 216)

Na contextualidade determinada pela globalização neoliberal, o diálogo intercultural se vê assim confrontado com uma primeira tarefa: a tarefa de se articular como instrumento da luta das culturas por seu direito a ter contextos próprios, mundos espacial e temporalmente qualificados por seus valores e fins específicos. Em uma palavra: libertar os contextos das culturas. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 281)

Neste sentido, a filosofia, levando em consideração a transformação intercultural aqui apresentada e mencionada, tem como ferramenta essencial justamente o diálogo intercultural que, “é consciente da contextualidade histórica dominante em que se realiza” não deve ignorar a pergunta pelas condições fácticas do diálogo, para assim não acabar caindo numa ideologia em que se favorece apenas os interesses que são de uma civilização dominante, o que seria cair em um diálogo descontextualizado, já que hoje, reina a assimetria de poder. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 279)

Com a globalização, como uniformização dos contextos das culturas em uma contextualidade estrutural perfeitamente identificável em qualquer parte do mundo, as culturas da humanidade perdem, de eixo, sua base material, sua materialidade, seu “território”, porque lhes rouba a possibilidade de dispor de seu tempo e espaço, é dizer, de configurá-los segundo seus próprios valores e fins. A globalização, sobretudo como expansão do mercado neoliberal, é, literalmente, uma ocupação de tempos e espaços culturais. Assim, as culturas são, também literalmente, deixadas no ar. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 281)

Por isto que, o diálogo intercultural cria um novo marco para a reflexão filosofia, pois, mesmo se tratando de vozes que foram marginalizadas ou oprimidas em suas realidades contextuais, os mundos culturais sempre seguem confrontando seus contextos, para que deste modo, a filosofia possa, e deva, se reorganizar e efetuar sua nova transformação.

Como assinala Fornet, “o diálogo intercultural cumpre desta sorte a função de um corretivo para a orientação da filosofia nestes tempos de globalização neoliberal. “, embora seja inegável destacar que o mundo de hoje tem respondido mais a contextualidade da globalização, o que evidencia este duplo contexto, em que há, por um lado uma imagem neoliberal, e de outro, a luta dos múltiplos universos excluídos. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 282)

Portanto, a filosofia que, assumindo o diálogo intercultural para reflexão, ocasiona num processo de transformação em grande escala, fazendo uma reconstrução da própria história, em que os muitos lugares particulares, de

nascimento e desenvolvimento, são aceitos, e deste modo, ela vai crescendo, se universalizando por meio da comunicação dos muitos universos culturais.

Filosofia no contexto do diálogo intercultural é, pois, filosofia que sabe que não cabe se instalar no universal, mas sim, peregrinar pelos multiversos culturais promovendo a solidariedade entre os mesmos. E é filosofia que sabe, ademais, que sua transformação não é um fim em si mesmo, mas um meio para melhor cumprir a sua função crítico-libertadora em nosso presente. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 284)

### **4.3 Constituição epistemológica dos saberes**

Em consequência de todo o exposto, Fornet (2001, p. 107) afirma que “se encaminha, portanto, a configuração da filosofia pela via pluralista de um pensar, para o qual o problemático não é a polifonia, mas sim a unissonância” qualificando este pensar como um modelo de filosofia proposicional, ou seja, uma filosofia que se expõem, que se dá a conhecer.

Deste modo, devido ao encontro entre as filosofias proposicionais, ocorre na filosofia Iberoamericano uma nova configuração do pensamento que, na tarefa de transfiguração do pensar, emerge o modelo de filosofia na perspectiva intercultural, isto é, “em um modelo de filosofia intercultural, que aponta, por conseguinte, ao esboço de uma filosofia em transito continuo de uma figura a outra” dando nome a esta nova qualidade obtida para as filosofias que transitam de uma para outra. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 109)

É em resumo, a atitude filosófica que se poderia perfilar desde a América Latina a partir da dinâmica do “encontro” dialético-dialogal entre as figuras ocidentais, ameríndias e afro-americanas de sua tradição filosófica; é dizer, desde a experiências dos processos de inter-trans-culturação que podem dar-se entre as ditas figuras da filosofia Iberoamericano. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 109)

E nesta transfiguração da filosofia Iberoamericano em filosofia num modelo intercultural, garante que a voz de todos sujeitos seja ouvida, concedendo a eles uma participação ativa, para que, diante de qualquer reflexão teórica, estes sujeitos tenham o direito de expor sobre o assunto e ainda articular a partir de suas vozes específicas, cumprindo a tarefa comum, que é, ser aberta a todos.

Por esse motivo que a filosofia intercultural, entendendo que a universalidade ocidental tem como fundo “um movimento de extrapolação e de expansão de uma cultura regional”, afasta-se dela, pois prefere um movimento em que a universalidade seja conseguida através da convocação da pluralidade de universalidades históricas,

se configurando como plural a partir da solidariedade. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 70)

Porque a transformação da filosofia da que aqui se fala, por uma parte, e que se concretizará a nosso juízo na reconfiguração do mapa-múndi da filosofia, e, por outra parte, na empresa de fomentar um novo tipo de racionalidade filosófica capaz de comunicação solidária e de ir para uma solidariedade qualitativamente nova, são dois aspectos de um mesmo projeto. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 71)

Neste exercício filosófico da busca por uma qualidade nova para esta ideia da universalidade na filosofia, terá que traçar novamente o mapa-múndi da filosofia afim de não ver somente as características de colonização pelo ocidente, mas sim, a variedade de tradições nos territórios dos povos que foram ignorados ou marginalizados. Assim, praticar e pensar de uma nova forma esta universalidade na filosofia.

[...] a ideia de que se trata de ensaiar nossos recursos hermenêuticos, metodológicos e epistemológicos, introduzindo-os em um processo dialógico com outras tradições de vida e de pensamento. E para isso, talvez precisemos redobrar menos esforços no referente estudo exegético da tradição filosófica em cujo marco temos sido formados, como cultivar a atitude da abertura, aprender a ser sensíveis frente as outras tradições de pensamento e toma-las tão a sério como a própria. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 72)

Em outras palavras, é reconhecer que todas as tradições são tão finitas como a própria, podendo ser todas elas, ampliadas, complementadas, corrigidas, discernidas, enriquecidas, pelas mesmas. Neste intercâmbio cultural, vale assinalar, cada uma se oferece a outra como possibilidade, mas nunca, como imposição de pensamento.

Desta forma, tendo acesso à inesgotável realidade originária que está no mundo, “estaremos melhorando constantemente nossa própria ‘bagagem’ filosófica” em que o “nosso inicial instrumento conceitual entrará em via de crescimento e desenvolvimento” tornando possível o contraste e conseqüentemente, o entrecruzamento do pensamento das diversas culturas da humanidade. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 72)

Tudo isto para alcançar uma constituição epistemológica dos saberes, que não seja baseada em um único componente epistemológico, mas na pluralidade de saberes que compõem o planeta. “Não se trata, pois, de uma única versão – seja ela de caráter cultural, religiosa, científica ou filosófica – mas de um ‘pensar’ que tem

consciência do que pensa e deveríamos saber, pois reconhece outras formas de saber, também válidas. “ (PIZZI, 2011, p. 96)

Toda pretensão ou intento de uniformizar ou de homogeneizar a história deste pensamento seria um evidente engano, um notório falseamento. E o mesmo se manifestaria no caso de qualquer ensaio de filosofia que, recorrendo somente a uma das vozes e luzes que se fazem presentes no pensamento iberoamericano, pretendesse definir-se como a verdadeira “cara” ou figura desse pensamento. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 104)

Em suma, na contemporaneidade, grande parte devido à globalização neoliberal, ainda prevalece pensamentos epistemológicos homogeneizantes. “A hegemonia de um único saber rechaça a multiplicidade de constelações e até mesmo a pluralidade epistemológica. “ Por isto que a figura da filosofia intercultural se apresenta como alternativa para dar voz e presença a todos os tipos de conhecimentos e saberes que jazem no mundo, construindo assim, uma nova constituição de saberes. (PIZZI, 2011, p. 99)

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tentativa da construção de uma filosofia intercultural requer uma abertura do ser humano em todas as suas dimensões. Para entender o próximo, é preciso saber que o outro tem as suas realidades podendo ser completamente diferentes. Não basta ouvir, mas colocar-se no lugar do outro, em sua história, momentos e situações. Apenas desta forma se consegue um verdadeiro diálogo frente a frente, sem preconceitos e qualquer tipo de condenação, julgamento, ou gozação daquilo que é próprio de cada indivíduo.

Trabalho este de transformação no qual a filosofia deve se encarregar de propagar, já que coloca a si mesma num conflito, que se faz necessário a revisão de suas referências. É refazendo conceitos e metodologias para reconstruir o modelo de globalização, onde a interação entre as culturas, ou seja, o diálogo intercultural, possa predominar, dando voz as muitas matrizes culturais, sejam elas de cunho americano, africano, asiático ou europeu. Assim, promove-se espaço a estas culturas que ao longo do tempo lutam para serem ouvidas e consideradas em grau de igualdade diante do apresentado como modelo ideal de cultura vigente. (PALANCA, 2001, p. 88)

Queremos superar realmente, hábitos de pensar e de fazer que nos impulsionam a definir as diferenças culturais, desde as deficiências que vemos nelas ao compará-las com o que somos e temos, devemos abandonar todo paradigma viciado pela ideia da suficiência. (FORNET-BETANCOURT, 2009, p. 114)

Raúl Fernet Betancourt (2009, p. 9), expõe que todos os indivíduos pensam tendo como referência alguma “cultura dominante do saber que não nos conduz ao saber que deveríamos saber”, estes, são adquiridos “somente mediante a interação simétrica das diferentes culturas do saber da humanidade” o que representa um grande perigo para a diversidade epistemológica do mundo.

Por isto, a filosofia intercultural se apresenta com um novo paradigma onde o diálogo das culturas frente a filosofia faz refletir acerca das possibilidades de compreensão, de interpretação de tudo aquilo que é diferente, de tudo aquilo que foge do “comum” de cada indivíduo. Desta forma, fomenta nesta troca de informações, uma interação por meio do intercambio, abrindo novos horizontes e novas visões de mundo possíveis, resultando numa forma de relação onde a hostilidade dá espaço ao

acolhimento e assimilação, tendo em vista de um crescimento epistemológico em relação as culturas existentes no colorido multiverso atual. (PALANCA, 2001, p .89)

Então, Fernet entende que a construção desta filosofia intercultural ou “filosofia do presente”, como ele denomina, está relacionada à contextualidade histórica.

É por esta razão que a filosofia contextual é ademais, aquela forma de filosofia que não somente percebe o presente em sua real pluralidade contextual, mas que também repensa o “assunto” da filosofia metodológica e sistematicamente de maneira pluralista. A partir disto, que a filosofia contextual existe apenas no plural. (FORNET-BETANCOURT, 2009, p. 118)

Nesta perspectiva da contextualidade, ou seja, de acompanhar o tempo presente, Raúl coloca a globalização neoliberal, o mercado de consumo, a barbárie, que engloba muitos aspectos como a ecologia, a publicidade, a exclusão social, a fome e tantos outros que contribuem para a destruição das culturas, como fundamental, pois a partir dos avanços mundiais, principalmente no campo da técnica e da tecnologia, a filosofia também deve acompanhar, numa forma de iluminação em meio as problemáticas que também se atualizam com o tempo.

“Trata-se do comprometimento com a dimensão social do conhecimento em que as epistemologias expressão cosmovisões de mundos e incidem sobre as subjetividades culturalmente e politicamente constituídas” (SCHNORR, 2015, p. 144) descolonizando para reconstruir a partir de um pensamento que seja polifônico com base nas culturas pluriversas.

Portanto, por meio desta novidade intercultural da filosofia, no intercambio, valorização e compreensão, no diálogo e nas “verdades” inéditas descobertas e criadas, é possível uma nova constituição epistemológica dos saberes. A medida em que a historicidade das culturas se encontra e se relaciona, sempre com respeito, cria-se condições de fala e de escuta promovendo nesta troca epistemológica de saberes, um firmar-se na cultura própria ou rever conceitos modificando sua essência.

Assim sendo, pensando na sociedade vigente e em suas implicações, esta proposta de transformação para uma filosofia intercultural é possível. A partir da base do contexto histórico de cada local, grupo e época, resulta numa forma de humanizar os seres humanos cada vez mais, e engrandecer epistemologicamente o logos de cada indivíduo, buscando colocá-los em grau de igualdade diante de todos, para assim poderem contribuir de alguma forma, na busca pelos saberes que deveríamos saber, para viver em maior harmonia com o mundo existente.

## REFERÊNCIAS

- ASTRAIN, Ricardo Salas. **Ética intercultural: (re) leituras do pensamento latino-americano** [E-book] / Ricardo Salas Astrain; Tradução e revisão: Dilnéia Tavares do Coutro e Jovino Pizzi. – 2. ed. – São Leopoldo: Oikos, 2021.
- BEORLEGUI, Carlos. **História del pensamiento filosófico latinoamericano**. Bilbao – Universidad de Deusto. Ed. Deusto, 3 ed. 2010.
- CECCATO, Dulcelene. **Filosofia intercultural: uma abordagem da ética em Lévinas e do estar em Kusch**. São Paulo: Ideias & Letras, 2022.
- FORNET-BETANCOURT, Raúl. **Religião e interculturalidade**. Traduzido por Antonio Sidekum. – São Leopoldo: Ed. Nova Harmonia; Sinodal, 2007.
- FORNET-BETANCOURT, Raúl. **Tareas y propuesta de la filosofía intercultural**. Erschienen in concordia - Reihe monographien, Mainz verlag, Band 49, Aachen 2009.
- FORNET-BETANCOURT, Raúl. **Transformación intercultural de la filosofía**. Bilbao, Editorial Desclée de Brouwer, S.A., 2001.
- KALIBERDA, Ana Marcia; XAVIER, Cesar Rey; GONZAGA, Carlos Alberto Marçal. **Filosofia intercultural e paradigma emergente: um novo enfoque para as “razões” de uma cultura diferente**. Revista internacional interdisciplinar interthesis, Vol. 11, n. 02, jul/dez 2014.
- MORAIS, Régis de. **Estudos de filosofia da cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- PALANCA, Diana de Vallescar. **Semillas en el tiempo: El latinoamericanismo filosófico contemporáneo**. Mendoza: EDIUNC – Editorial de la Universidad Nacional de Cuyo, 2001. Clara Alicia Jalif de Bertranou (compiladora)
- PASSOS, João Décio. **Teologia e outros saberes: Uma introdução ao pensamento teológico**. São Paulo: Editora Paulinas, 12 ed. 2010.
- PIZZI, Jovino. **A Epistemologia Como “Caminho Para Pensar O Saber Que Deveríamos Saber”**. Universidade Federal de Pelotas, 2011.
- SAMBONI, Alexander Cerón. **Estudios de una filosofía intercultural em la propuesta de Raúl Fonet Betancourt**. Popayán: Grupo de investigación ética, filosofía política y jurídica – Universidad del Cauca: ed. Nova Harmonia, 2011.
- SCHNORR, Gilselle Moura. **A filosofia intercultural de Raúl Fonet-Betancourt: práxis dialógica e reaprendizagem do pensar**. Universidade de São Paulo: Programa de pós-graduação em educação, 2015.

SUCH, Janete. **A Filosofia Intercultural no Pensamento de Raúl Fornet-Betancourt - Perspectivas Teóricas**. Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2024.

ZILLES, Urbano. **Panorama das Filosofias do Século XX**. São Paulo: Paulus Editora, 2016.

**Sites de Pesquisa:**

CENTRO DE ESTUDOS AFRICANOS E AFRO-BRASILEIROS: Dra. Nicéa Quintino Amauro. Site PUC-Campinas, 2024. Disponível em: <https://www.puc-campinas.edu.br/centro-de-estudos-africanos-e-afro-brasileiros/> Acesso em: 07/05/2024.

DIREÇÃO GERAL DE CULTURA E EDUCAÇÃO DA PROVÍNCIA DE BUENOS AIRES, 2021. Link: <https://www.cultura.gob.ar/domingo-faustino-sarmiento-el-hombre-el-politico-el-escritor-el-viajer-10137/> Acesso em: 31/10/2024.